PERNAS:

CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DE

As pernas são o verdadeiro sustentáculo das estrêlas.



São as pernas que dão o primeiro passo na conquista do estrelato. No segundo passo, conquista-se a estrêla.



Muitas estrêlas começam suas carreiras com um passo em falso.



Há inúmeras estrêlas que pensam com as pernas. Por isso chegam a ser estrêlas.



Muitos homens lançam o primeiro olhar para as pernas das estrêlas. Alguns dêles chegam a ver estrêlas.



Um bom filme musical é aquêle que tem pouca música e muitas pernas.



Há muitas estrêlas que trazem todo o seu talento nas pernas. Por isso não fazem mais do que exibi-lo. Em tecnicolor.



Se você, leitora, tem um par de pernas iguais às de Betty Grable, jamais andará atrás de um homem. Andará na frente.



A única coisa que pode realmente virar a cabeça de um homem são as pernas de uma pequena que passa. Mas há homens que resistem à tentação de completamente fiu-fiu veja só que pedaço coisa louca telefone ?!xpt cr$$$+++x/$Cr&...vcrf$=
Passou.



Um bom descobridor de talentos é aquêle que descobre uma estrêla. Completamente.

leon eliachar

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

N.º 45 ★ 8-11-51

Sumário

Considerações em tôrno de (Leon Eliachar) 3
Vendo a caveira (Frankie) 4
A arte de fazer rir (Alberto Conrado) 5
Da bíblia para a tela 8
Eu Acuso (A.C) 10
O terror é fotogênico (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 12
Não me vendo por preço algum (Paulo Kalamar) 14
Flashes Mundiais 16
Cinema português (Batista) 18
Mulheres e víboras 20
Problemas humanos (Dr. Luís Fraga) 24
John Lud (close-up) 25
O que ouvimos no rádio (A.C.) 26
O que vimos na tela (L.E.) 27
Microfone (Armando Migueis) 38
Por trás da onda (Rubens Garcia) 29
Jouvet e o cinema (Renée Jeanne) 30
Melodias para você 31
Dez anos de Brasil 32
Música (Oswaldo da Cunha) 33
Pausa para meditação 34

★

CAPA:
ALEXIS SMITH
(Foto Metro)

RETIFICAÇÃO

Por equívoco o nome do artista que figurou em nossa capa do número anterior, saiu trocado. Trata-se de William Holden, da Paramount.

EXPEDIENTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447: Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires.

Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.

Venda e Publicidade em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 169.

Correspondentes em Hollywood: THOMAS KEENE VIOLET KINNEY

Correspondente em Paris: JEAN DELMAR

Redator-chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

JORGE Doria, autor do argumento «Maior que o ódio», filmado pela Atlântica, conta a uns amigos o esbôço de seu próximo argumento. Qualquer semelhança com «Fatalidade», detentor do Oscar da Academia de Hollywood, é mera semelhança. O Jorge deve freqüentar mais cinema a fim de evitar essas coincidências desagradáveis. E desagradáveis, principalmente, porque as cópias foram feitas antes...

★

PROCÓPIO tem dado festinhas muito interessantes em sua residência, em Copacabana. Nunca convida êste cronista. Medo, talvez, dos mexericos? Está em tempo.

★

JÁ vai pela casa dos oito milhões de cruzeiros a filmagem de «Tico-Tico no Fubá», da Vera Cruz. A data para terminar o filme já foi prorrogada diversas vêzes, e agora que a coisa está quase pronta, entram em cena os filhos de Zéquinha de Abreu para tentar interditar a fita. Segundo dizem, os filhos do saudoso compositor não estão satisfeitos com a história, que foge à verdade — e tampouco os responsáveis pela sua realização entraram em entendimento prévio com êles. Diz-se mesmo que os meninos estão dispostos a cobrar uns tico-ticos para dar o «passe livre» ao filme. E talvez êle chegue mesmo à casa dos 10 milhões...



Esta é uma seção de "venenos". O cronista não se responsabiliza pelas notícias recebidas. As pessoas atingidas podem nos esclarecer a respeito. As contestações serão publicadas, a bem da verdade. E, por favor, não troquem de mal comigo...

FRANKIE

JOÃO Assaf, da Rádio Ministério da Educação, declarou: «Não acredito na Bomba Atômica. A desintegração do átomo é uma coisa muito séria. Hiroshima é uma tapiação, um truque fotográfico, um efeito de magnésio. O bombardeio ali realizado foi levado a efeito por super-fortalezas voadoras». E acrescentou: «Não publique isso, pelo amor de Deus, que você me compromete e eu desminto tudo». Testemunhas: Jorge Dória, Jorge Illeli, Alberto Conrado. Com a palavra César Lates...

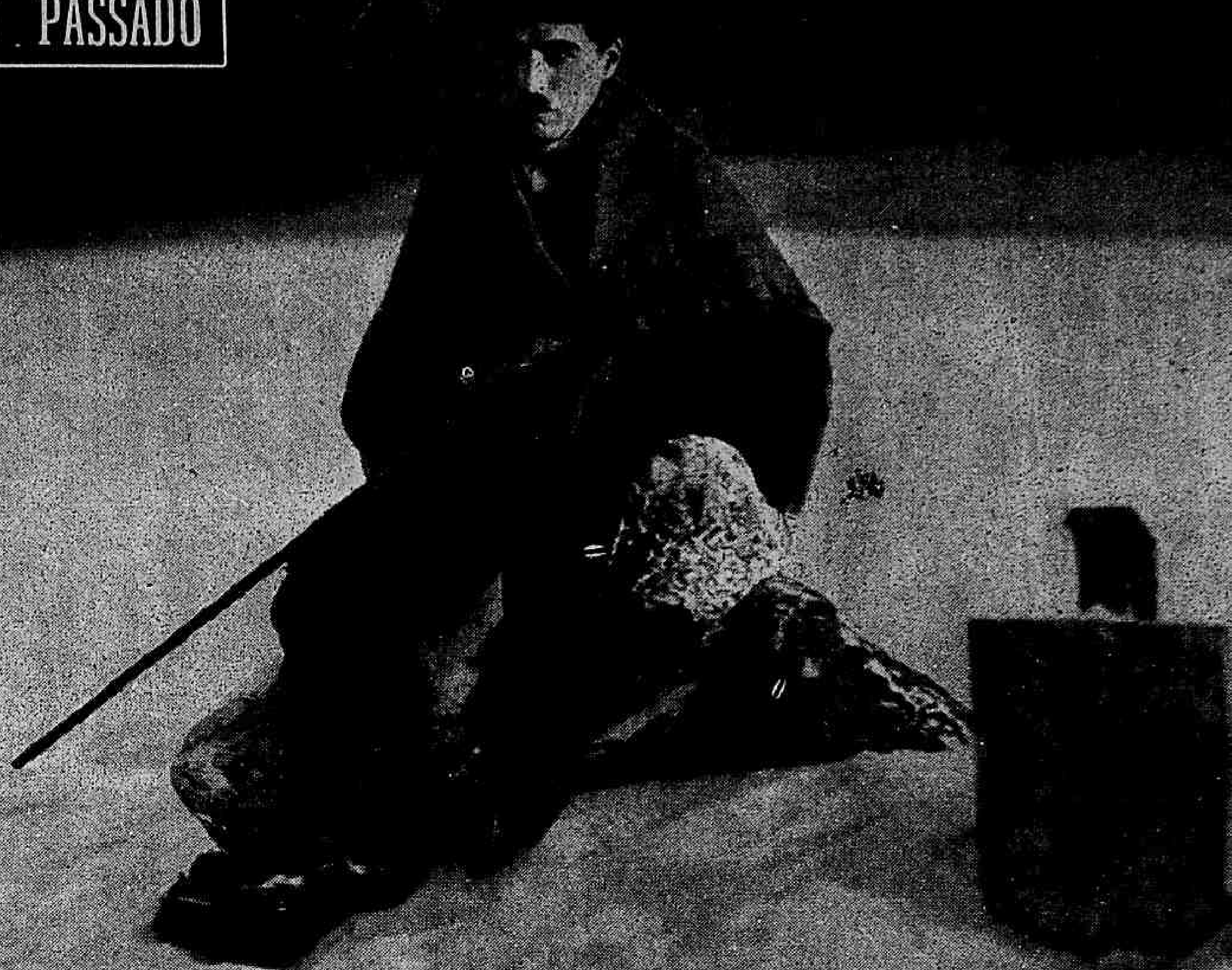
★

HÉLIO Souto disse que ia raspar o bigode logo depois de terminar as filmagens de «Luzes nas Sombras». Motivo: ninguém o confundia mais com Cornel Wilde.

★

ALDO Tonti, premiado em Punta Del Este pela melhor fotografia do Festival ali realizado, continua sendo cobiçado por certos produtores italianos que vêm se radicar no Brasil. Mas Aldo não pode sair da Itália, em virtude de ter atropelado um cidadão com seu automóvel. E' melhor assim. E' preferível, mil vêzes, que Tonti atropele os homens nas ruas de Roma do que vir fazer «barbeiragens» aqui no Brasil...

COMICOS DO PASSADO



A ARTE DE FAZER RIR

Charles Spencer Chaplin traçou através da cinematografia um verdadeiro tratado de farsa.

MAX LINDER E CHARLES CHAPLIN, OS MAIORES ★ BEN TURPIN, BUSTER KEATON, LARRY SEMON, HAROLD LLOYD, HARRY LANDGON, LAUREL E HARDY E OUTROS "CLAWNS" FAMOSOS ★ BREVE HISTÓRIA RETROSPECTIVA ★ O TRISTE FINAL DE ROSKOE ARBUCKLE, TRIPINHAS, QUE TERMINOU DESPREZADO POR TODOS ★ A GRANDE ARTE DE FAZER RIR DIGNIFICA O CINEMA.

De ALBERTO CONRADO

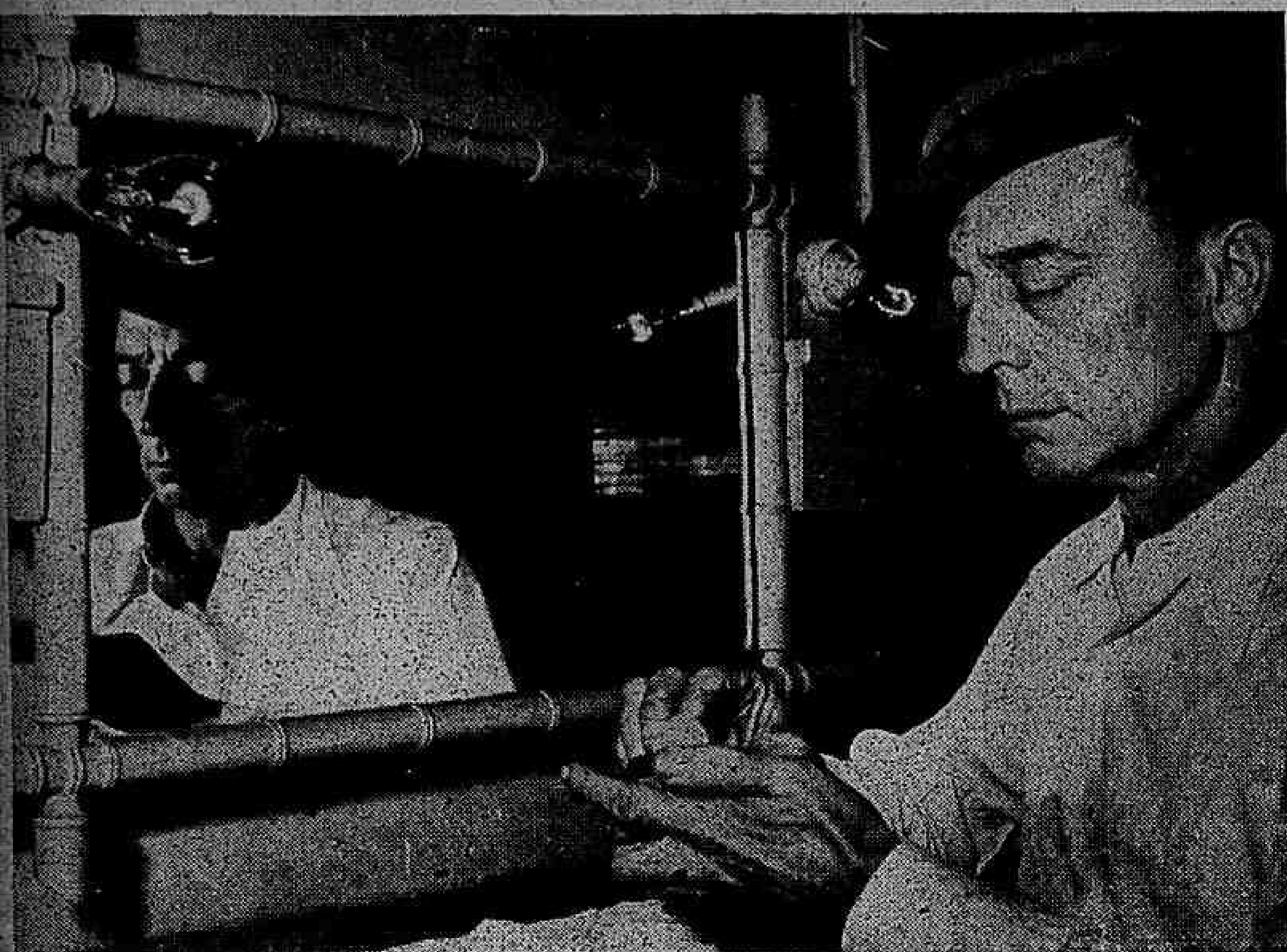
É muito mais difícil fazer rir do que chorar... Cada cinema e cada teatro possui, para cada intérprete cômico de categoria, vários especializados em drama, de similar importância. O cinema, como se sabe, começou, primitivamente, em forma documental. Foi o milagre de ver numa tela a saída dos operários da fábrica Lumiére, na França, que assombrou aos espectadores dessa época, que a cada instante esperavam a explicação daquele truque. Depois foram os dramalhões que interessavam à maioria, dramalhões que eram filmados com a câmara fixa, em quartos sem teto e limitados exteriores — na realidade assim eram todos — e, por último, respondendo ao que se diz, o que restabelece a fundamental diferença entre os sêres racionais e irracionais: o sorriso. Trataram de fazer rir. E conseguiram. Os velhos filmes disparatados, com as tortas de creme banhando o rosto dos intérpretes, as quedas espetaculares, foram feitos. E, então, no Velho e no Novo-Mundo, surgiram dois homens personificando tendências, simbolizando caracteres, e ainda aspectos natos da civilização, no que foram arquetipos: Max Linder, na França, e Charles Spencer Chaplin, em Hollywood... Gênio latino o primeiro, eminentemente saxão o segundo, com as agudas características do semita, advertíveis na sua obstinada renúncia e conformismo, que escondiam uma vontade férrea...



LAUREL E OLIVIER HARDY
Fizeram época durante dez anos.

Cinqüenta anos viveu o cinema... Parecia que, em cada quarto de século, a indústria fílmica devia sacudir-se na sua estrutura. Pouco depois do ano de 1925, o cinema sonoro ameaçou mandar às favas tudo o que já havia sido feito. Tiveram que refazer elementos mecânicos, tiveram que ensinar aos novos técnicos. Os de ontem foram obrigados a amoldar-se e técnicos e artistas, que não aceitaram a mudança, viram-se arrojados a um canto, como *ex*... Assim, John Gilbert, o maior dos galãs da época, terminou

bruscamente sua carreira, por causa do agudo da sua voz, rebelde a tôda educação, a todo ensinamento... Figuras que pareciam intocáveis desapareceram de um momento para o outro. E, entretanto, desconhecidos de ontem — eterna compensação da natureza — chegaram a usufruir os incríveis benefícios da popularidade. Assim é o cinema. Oscar Wilde disse: "a natureza imita a arte"... O cinema imita ou reproduz a vida, no seu afã permanente de fugir de cânones precisos, de evadir regulamentações. Vai sempre procurando, em suma, a novidade, no total e fácil esquecimento da sábia frase latina que reza: "Nada existe de novo sob o sol".



BUSTER KEATON
O cômico mais sério do mundo.

BREVE HISTÓRIA RETROSPECTIVA

Em 1911, Adolph Zukor, exibidor e produtor, funda a Famous Players que, com o correr dos anos, chegaria a ser a poderosíssima Paramount Pictures da atualidade. Para opor-se a um rival afortunado — William Fox — que tinha criado Theda Bara, a rainha das "vamps", cujo cerrar das pálpebras e agitado respirar congestionavam aos adolescentes dessa época, Zukor inventa tudo ao contrário: uma garôta meiga, franzina, com cara de boneca, ou seja, Mary Pickford, quer dizer, Gladys Smith, que não tardaria em converter-se na noiva da América, ou, segundo um "slogan" de então, "a garôta com quem você deseja casar". Pela mesma época, Toribio Sanchez, um cômico de descendência espanhola, com suas piruêtas, seu endiabrado dinamismo e suas contorsões faciais, fazia rir a meio mundo e criava um gênero.



HAROLD LLOYD
Sua contribuição foi valiosa.

Na velha Paris, por contraste, um ator elegante, Max Linder, divertia ao universo com seus repentes, sem nada alterar em seu aspecto. E em Hollywood, que começa a ser Hollywood, Tripinhas, uma adiposo genital, utiliza o êrro da Natura, ou sua insuficiência glandular, como queira chamar-se, para constituir-se num dos cômicos mais prestigiados da época, até que um escândalo, exagerado pelos puritanos daquele tempo, o afoga no desespêro e no esquecimento.. A orgia fêz época. Falou-se de drogas, de vícios tremendos, como o homo-sexualismo. E o coitado Roskas Arbuckle, assim se chamava Tripinhas, passou a engrossar a lista dos ex, desprezado por todos, ou pelos menos pela maioria. Em 1913 se produzia o maior acontecimento do cinema universal: a aparição na tela de Charles Spencer Chaplin.



AS QUEDAS FORAM ESPETACULARES
Fêz subir as bilheterias.

Foi um modesto produtor — Adam Kessel — quem descobriu no cômico e malabarista do conjunto de Fred Karno, possibilidades fílmicas, e o levou, do teatro de variedades de Nova York, onde atuava, até à nascente Hollywood. Primeiramente, foi a Bisson Film que deu trabalho ao cômico genial. Posteriormente, a Essanay, e depois a Keystone, na qual filmou uma série de produções inesquecíveis, com Marie Dressier — que depois tornar-se-ia uma grande cômica — Mabel Normand, Chester Conklin, etc, etc. Chaplin foi para o cinema o que Disney é para o desenho. Entre o primeiro e todos os outros cômicos há um abismo. Entre o segundo e seus colegas, uma distância similar. Passam os anos e vê-se até que ponto é prometedora a arte de Chaplin: sua "Luzes da Cidade", filmada em 1930, é considerada pelos críticos norte-americanos como o melhor filme da temporada de 1930 e arrebata o público em todos os lugares onde se exibe.

OUTROS CÔMICOS

Em 1915, acompanhando Chaplin, apareceu em *seu primeiro emprêgo* um sujeito mirrado, de grotesca aparência, acentuada por um pronunciado estrabismo: era Ben Turpin, que alcançou repentina popularidade... Reclamava-no Mack Sennet para suas famosas películas de banhistas... porém a falta de variação do repertório afogou Ben Turpin no esquecimento. Houve quem o visse, mais tarde, utilizando os restos de sua arte, fazendo de *homem sanduiche* pelas ruas de Los Angeles. Buster Keaton, o cômico mais sério do mundo, teve também um grande triunfo... Seus filmes produziram rios de ouro, o mesmo acontecendo com Harold Lloyd, o único dos cômicos, com exceção de Chaplin, que soube ser previdente, e que goza os seus milhões, fazendo raras aparições na tela, permitindo dar-se ao luxo de realizar um filme e não estreá-lo por não estar contente com o mesmo. O cômico de óculos sem cristais joga plàcidamente o xadrez e continua esperando a desforra ou o retôrno que sòmente chega para alguns poucos... Larry Semon, com sua cara de "clown" triste, foi também um dos cômicos de fortuna por um momento. Harry Langdon, inexplicàvelmente morto, demonstrou finura, profundidade, com raízes chaplinianas que não pôde evitar e que lhe foram fatais. O Gordo e o Magro, Laurel e Hardy, fizeram dezenas de filmes e tiveram uma década de grande projeção, muito má aproveitada por êles. A lista é interminável, porém acredito que esta revista deve esta homenagem aos cômicos do passado, que nos fizeram rir em nossa infância.



CHARLES PUFY, CHICO BOLA
Sua gordura alimentou os produtores.

DA BÍBLIA PARA A TELA

AMANTES IMORTAIS QUE O CINEMA PROCURA PERPETUAR NA MEMÓRIA DOS FÃS ★ DEPOIS DE SANSÃO E DALILA, CHEGOU A VEZ DE DAVID E BETSABÁ ★ UM BANHO QUE CUSTOU UMA FORTUNA.

De THOMAS KEENE
(Especial para "A CENA)

NÃO sòmente os filmes mas tôdas as formas de aventuras teatrais basearam-se na vida dos grandes amorosos da história e muitos atores representaram seus mais inesquecíveis papéis nessas biografias. Até mesmo os primeiros amorosos "Adão e Eva" serviram de assunto para trabalhos dramáticos modernos; êles figuraram com grande projeção na peça de Marc Connelly "Verdes Pastagens" que veio a conquistar o prêmio Pulitzer.

Romeu e Julieta, imortalizados por Shakerpeare, foram assunto de inumeráveis produções do cinema e do teatro. Como veículo, "Romeu e Julieta" serviu de degrau para a ascenção de vários astros. Jane Cowl foi talvez a maior Julieta do teatro emquanto Norma Shearer representou-a no cinema ao lado de Leslie Howard como Romeu. Ha pouco tempo, na primavera passada, Olivia de Havilland reviveu Julieta na Broadway. Outras grandes duplas românticas capturaram a imaginação de cérebros criadores em assunto de cinema e teatro. Vivien Leigh e Laurence Olivier, o maior casal de atores, do palco e do cinema, representaram juntos, numa dramatização, a história de amor de Lord Nelson e Lady Hamilton. Foi também Miss Leigh quem deu vida à personagem de Scarlet O'Hara, ao lado de Clark Gable como Rhett Butler em "E o Vento Levou..."

Shakespeare deu velas ao vento com sua peça Antônio e Cleópatra, destinada a ser representada em nossos dias, alternativamente com César e Cleópatra, de Shaw, em New York, esta estação, pelos Oliviers que triunfaram no repertório do Festival da Inglaterra, o verão passado.

Desde o tempo de Shakespeare nenhum caso de amor menos recente do que o do Duque e da Duquesa de Windsor, tem sido esquecido pelos dramaturgos, compositores ou coreógrafos, pois, a música e o "ballet" também se utilizaram dos grandes amorosos da leganda. O mito grego de Orfeu e Euridice, por exemplo, encontrou expressão na música por Egor Strawinsky e uma adaptação dessa música deu lugar ao ballet criado por George Balanchine e uma mais recente transposição para filme, num drama francês escrito por Jean Cocteau e interpretado por Jean Marais.

O BANHO DE BETSABA

Embora a bíblia se refira a Bestabá em poucas linhas, Dr. Chester, C, McCown, eminente historiador e arqueólogo que serviu de orientador técnico na produção de Darryl F. Zanuck, diz: — "Nós sabemos, pela influência que ela exerceu no reinado de David, que ela possuía a beleza de Cleópatra, a astúcia de Dalila, a habilidade de Mata-Hari e muitas das boas e más qualidades de Helena de Troia e Mary, rainha da Escócia.

Como Betsabá, no seu mais importante papel até hoje, Susan Hayward ostenta uma profusão de encantos re-

Gregory Peck será o famoso David bíblico, apaixonado perdidamente pela linda Betsabá. A película foi filmada em luxuoso tecnicolor

normal da tiragem dos discos americanos, acho que foi de 500 mil a um milhão, o que representa, em dinheiro brasileiro, uns 500 contos».

— Qual a edição da «versão» brasileira?

«Cêrca de 400 mil discos, ou seja 120 mil cruzeiros».

— Qual têm sido a reação dos compositores brasileiros e especialmente da U.B.C.?

«A reação tem sido naturalmente de revolta, pelo não reconhecimento do direito autoral, sabido que o Brasil é filiado à Convenção de Berna. Quanto a U.B.C., esta não se envolveu no caso».

Aqui têm os leitores os fatos e as consequências. Entretanto, o acontecido finalmente serve apenas como um sério aviso aos nossos próprios compositores, os quais, na sua grande maioria, vêm sistemàticamente aproveitando, de uma forma acintosa, melodias estrangeiras para suas músicas carnavalescas. Certo cronista argentino fêz-me notar, em Buenos Aires, que inspiradíssimo compositor é o brasileiro pois, por época dos festejos de Momo, chegava a juntar, entre todos, uma média de 300 canções. Mal sabe e nem sequer suspeita o ilustre colega o que se passa nesta terra onde... só o gigante dorme, na aparência.

«O Bolero de Ravel», «Perdão senhor», «Violeteira», «P'ra seu govêrno» e tantas outras, as quais, apesar de lhe terem mudado a letra e o compasso, se reconhece na melodia. Assim, o caso de Humberto Teixeira favorece aos próprios músicos estrangeiros, que naturalmente ainda não se aperceberam dessas coisas. Nada mais justo que um compositor brasileiro acione quem lhe roubou uma criação sua, pois tem o amplo e internacional direito de tomar satisfações a quem quer que seja. Da mesma forma, possui êsse direito o estrangeiro. E convenhamos que os tribunais brasileiros ficariam apilhados de questões musicais. A verdade seja dita. Muitos cronistas apressados acusaram a Capitol e seus dirigentes, como cúmplices do «roubo». Achamos, e nos parece que estamos certos, que essa fábrica nada tem que ver com o acontecido. Está à margem do assunto, sem responsabilidade de espécie alguma. O autor chega com a composição, apresenta-a ao interessado e êste, conforme a conveniência, edita-a ou não e paga o preço estipulado. Está sempre com as mãos lavadas.

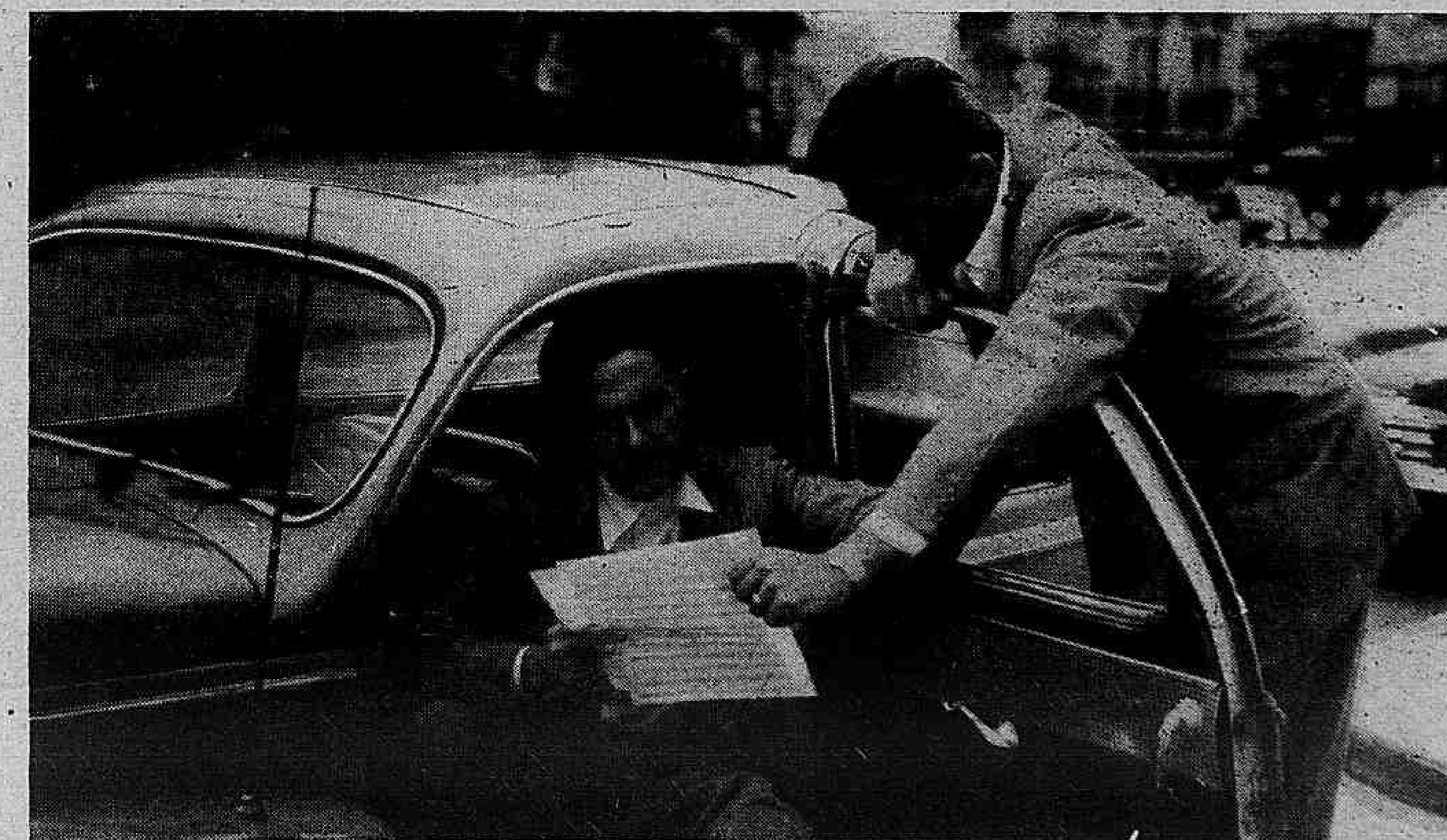
Achamos estranho que a entidade oficial dos autores brasileiros, a U.B.C., não se tenha manifestado oficialmente sôbre a questão. Embora seja um caso pessoal de compositor para compositor, essa agremiação deveria, pelo menos, apoiar com seu nome o gesto de Humberto Teixeira e Luís Gonzaga. Porém acontece que existe um velho ditado que diz «não atires pedras aos vizinhos, tendo telhados de vidro».



«O plágio de «Juazeiro» foi integral desde a primeira até a última nota. A etiqueta trázia o nome da cantora Peggy Lee que a cantou bem».



«Nota por nota minha composição sofreu apenas a alteração completa da letra para o inglês para o gôsto do público norte-americano».



«Juazeiro» e seu caso de escândalo será uma advertência a quantos se apoderam das músicas alheias. Entretanto, meu caso é pessoal sem intervenção da SBACEM..

DA MORBIDEZ A TERNURA

O TERROR É FOTOGÊNICO

O INVENCIVEL MARK ROBSON ★ SO RESTA A LEMBRANÇA DAQUELA VIAGEM SANGRENTA AO ASILO SINISTRO ★ A SÉTIMA VITIMA DA JUVENTUDE SEM FREIO ★ ESTILO DE UMA ALMA EM REVOLTA ★ IRRECUSAVELMENTE UM DOS MAIORES

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA





MARK ROBSON exige que as mãos, os olhos, até mesmo o menor gesto do ator seja representado. Êle sabe extrair uma expressão, seja ela qual fôr.



Da artista mais sensual **ROBSON** faz o personagem mais terno, meigo, dócil, etc... Como exemplo vemos acima Susan Hayward em «Meu Maior Amor».

DA nova geração de Hollywood, MARK ROBSON é um dos cinco ou seis realizadores que podem ser citados entre os grandes do mundo, sem que isso implique, necessàriamente, que tôdas as suas películas sejam obras-primas, e obras inatacáveis de qualquer ângulo que se as vejam. Como Kazan, Huston, Mankiewicz e Dassin, Mark Robson é da linha de frente: faz um cinema formalmente brilhante sem se submeter, servilmente, aos velhos postulados estéticos, e embora não tenha absoluta conseqüência política e social, até agora demonstrou vitalidade, bom gôsto e certa determinação em construir filmes em que a humanidade participa de u'a maneira positiva. E' possível que Mark Robson se deixe enlevar pelas sereias tentadoras de Hollywood — Wall Street — e "Alma em Revolta", o seu pior filme, é bastante significativo, a respeito — ou fique amedrontado e se acovarde, como vem acontecendo com tanta gente importante, para desgraça e desespero dos seus admiradores, e brindes de satisfação dos tubarões da indústria e seus amos e lacaios. O caso mais recente, todos sabem, é de Edward Dmytryk que, depois de realizar "O Preço de Uma Vida" e passar alguns meses na prisão, resolveu cìnicamente trair e denunciar perante uma comissão inconstitucional de Washington os seus antigos companheiros políticos de Hollywood. E' possível que Mark Robson substitua o conteúdo humano (se bem não de todo positivo, progressista) de suas realizações por imbecilidades, inconseqüências, conformismo, convencionalismo, e outras regras de evasão, escapismo e indiferença ditadas pelo caráter absolutamente comercial predominante no cinema americano no momento histórico em que vivemos. Todavia, até agora, com exceção das ligeiras derrapagens e concessões de "Home of the brave" e "Edge of Doom", Mark Robson só nos tem dado filmes com sentido de luta, de combate, de vida, portanto!

Robson é canadense, da cidade de Montreal onde nasceu a 4 de dezembro de 1913. Criado nos Estados-Unidos, cursou a Universidade do Sul da Califórnia e doutourou-se em leis pela Universidade da Costa do Pacífico. Entrou para o cinema em 1932. No Departamento de Cenários teve o seu aprendizado, adaptando histórias e conhecendo a técnica da cenarização, dos roteiros, dos guiões de filmagem. A oportunidade que a Fox lhe negara apareceu na RKO Rádio, onde permaneceu na mesma condição (adaptador) até 1943, exercitando-se igualmente no corte e montagem das películas. Com o aparecimento da série de filmes de terror do falecido produtor Val Lewton, cujo valor teórico e prático foi pratìcamente descoberto, estudado e proclamado pela crítica brasileira, Mark Robson teve a sua

(Cont. na pág. 22)



Outra grande cena do filme-despedida de **ROBSON**, no reino do terror. «Asilo Sinistro».



KARLOFF, que já foi Frankenstein, Drácula, O Dr. Louco, e outros monstros da imaginação cinematográfica, viveu em «Asilo Sinistro» um dos seus melhores papéis.



O jovem **MARK ROBSON**, acostumado a tratar com bruxas e vampiros, cuida agora com carinho de orientar uma história de amor profundamente realista, sem **PÓ DE ARROZ** e sem assombrações.



"NÃO ME VENDO POR PREÇO ALGUM!"

Tônia Carrero estêve a ponto de quase assinar contrato. A oferta era realmente tentadora: 200 mil cruzeiros por mês para ser «vedette» de revista. Mas Tônia ama o cinema acima de tudo!

A RESPOSTA FOI: "NÃO!"

S. PAULO, novembro.

ÊSTE repórter vai divulgar hoje uma notícia que para muita gente poderá parecer fantástica: Tônia Carrero, esta sensacionalíssima loira que o teatro roubou do cinema e que o cinema conseguiu reconquistar, recusou uma proposta astronômica para ingressar no teatro musicado. A história é a seguinte: o produtor Walter Pinto ofereceu duzentos mil cruzeiros por mês para Tônia Carrero fazer uma revista no "Recreio". Mas Tônia disse: "Não".

Vocês já imaginaram Tônia como "vedette"? Ela é bonita, bonitíssima, todos nós sabemos. E sabe cantar, sabe representar, sabe dançar. (Foi aluna de ballet de Gert Malgreen, bailarino expressionista, que pertenceu ao Ballet Joss).





Aqui vemos duas cenas do famoso «Tico-Tico no Fubá», da Vera Cruz, onde Tônia contracena com Anselmo Duarte. A vida de Zéquinha de Abreu na tela está causando ansiosa espectativa.

TÔNIA CARRERO NÃO QUIS SER "VEDETTE" DE REVISTA ★ RECUSOU DUZENTOS MIL CRUZEIROS POR MÊS ★ VOLTARÁ AO TEATRO, POR UMA SÓ NOITE, PARA REPRESENTAR UMA PEÇA ESCRITA ESPECIALMENTE PARA ELA ★ SUA CARREIRA NO CINEMA CONTINUA DE VENTO EM PÔPA.

De PAULO KALAMAR — (Especial para "A CENA)

CONTINUARÁ NO CINEMA

Tônia agora é tôda do cinema. Terminou seu primeiro filme, o tão falado "Tico-Tico no Fuba", produzido por Fernando de Barros e Adolfo Celi, dirigido pelo diretor de "Caiçara". E dentro em breve estará de novo filmando, agora sob as ordens de Fernando de Barros, o diretor da "Apassionata".

PEQUENA BIOGRAFIA

A biografia de Tônia pode ser tôda escrita com tinta côr de rosa. E' uma sucessão de vitórias e triunfos. Ela lutou para obter a primeira chance no teatro. Mas quando surgiu, surgiu como "estrêla". Começou no alto, na posição máxima.

Mas convém lembrar que o teatro veiu depois do cinema. Ela estreou justamente com Anselmo Duarte, em "Querida Suzana", dançando "Tico-Tico no Fuba"... Depois, foi para a Europa, conheceu as mais importantes capitais do velho mundo. Estudou com Jean Louis Barrault. Quando voltou, aceitou um papel no cinema, num filme dirigido por Fernando de Barros, aquêle "Caminhos do Sul", todo rodado no interior gaúcho. Mais tarde, fêz "Quando a noite acaba", rebatizado para "Perdida pela Paixão". Da noite para o dia, para gáudio dos fãs, o cinema brasileiro havia ganho uma "estrêla", uma grande "estrêla".

NO TEATRO

No teatro, em Copacabana e depois em São Paulo, Tônia Carrero apareceu como "estrêla" de quatro peças: "Um Deus dormiu lá em casa", "Amanhã, se não chover", "Don Juan" e "Helena fechou a porta".

Foi aí que surgiu o cinema novamente. A Vera Cruz contratou a companhia inteira: Tônia, Paulo Autran, Fernando de Barros e Ludy Velloso.



O público do Rio perdeu talvez a sua maior «vedette». Tônia possui todos os requisitos para ser estrêla de qualquer revista. Walter Pinto ficou triste, mas São Paulo em pêso bateu palmas.

Tônia loso se impos como "estrêla" de cinema, ganhando um dos principais papéis de "Tico-Tico no Fubá" ao lado de Anselmo Duarte e Marisa Prado.

O filme é tido como uma super-produção e Tônia se firmará em definitivo no céu estrelado do cinema brasileiro.

BREVE "REENTRÉE" NO TEATRO

Findo o "Tico-Tico", Tônia aceitou um papel numa peça de teatro, no T.B.C. Uma peça que foi escrita por Clô Prado, especialmente para Tônia e que será montada uma única vez, numa segunda-feira, em homenagem a "estrêla" da Vera Cruz.

DEPOIS, "APPASSIONATA"

Depois, Tônia voltará ao cinema, como protagonista de um filme dirigido por Fernando de Barros: "Appassionata". Uma história de amor, em três episódios, em que Tônia contracenará com três "astros": Ziembinski, Alberto Ruschel e Anselmo Duarte.

Tônia não é apenas bonita. É culta, gostando da música de Stravinski, dos poemas de Manuel Bandeira, dos livros de Anibal Machado e Tchecok. Sabe dançar. E' formada em educação física. Estudou arte dramática. Por isso mesmo ela não quer desperdiçar seu talento. Só fará bom teatro e bom cinema. E por tudo isso, o teatro musicado perdeu aquela que poderia ser a sua maior "vedette".





Em «Apassionata», dirigida por Fernando de Barros, seu lançador no cinema, Tônia contracena com três astros: Ziembinski, Alberto Rushel e Anselmo Duarte. Tônia toma conta da história.

Flashes Mundiais



MARLENE DIETRICH
(Cupido acesta a pontaria. Michael Wilding é o alvo).

Lana Turner e Ricardo Montalban, trabalham juntos pela primeira vez, em "Letter to the President", da Metro Goldwyn-Mayer.

★

Está marcada a estréia de QUO VADIS para os meados de novembro, simultâneamente em dois grandes cinemas da Broadway — o Astor e o Capitol. O acontecimento está concentrando a atenção de todo o mundo cinematográfico, ante a espetacular realização que a Metro-Goldwyn--Mayer levou

ESTADOS UNIDOS

a efeito na Itália. Filmado em Technicolor, QUO VADIS conta com Robert Taylor e Deborah Kerr nos principais papéis, além de fabuloso número de figurantes e coadjuvantes de relêvo, dentre os quais Leon Genn, Peter Ustinov, Patricia Laffan e Peter Miles.

★

Three Love Stories é a reunião de três grandes história em um só filme WHY SHOULD I CRY? é o título ("Porque devo chorar?") de uma das história escolhidas. De autoria de I. S. R. Wylie. Sidney Franklin será o produtor.

★

Yvone de Carlo, popular "estrêla" dos filmes em technicolor, está em "SILVER CITY", drama de aventuras da Paramount, ao lado de Edmond O'Brien Barry Fitzgerald, do veterano Richard Arlen e de Laura Elliot. Para variar, o filme também é em technicolor...

★

A conhecida e admirada Dinah Shore, que há muito estava afastada da tela (o seu último filme foi "A Bela do Yukon"), volta numa comédia musical em technicolor, intitulada "A FELICIDADE ESTAVA PERTO... "(Aaron Slick from Punkin Crick). Robert Merrill, um excelente barítono e a "glamourosa" Adele Jergens são "vilões", enquanto o novato Alan Young é o galã.

★

Renald Reagan inicia uma nova fase de sua carreira na Paramount. Após "A REVOLTA DOS APACHES", êle virá em "HONG-KONG", melodrama de aventuras, ao lado de Rhonda Fleming, tal como aconteceu no filme precedente.

★

"Warbonnet" drama de péles-vermelhas em conflito com homens brancos, é um technicolor da Paramount que reune Charlton Heston (revelado em "Cidade Negra"), Peter Hanson e novas "estrelinhas" a interessante Joan Taylor, Susan Morrow e Angela Clarke.

★

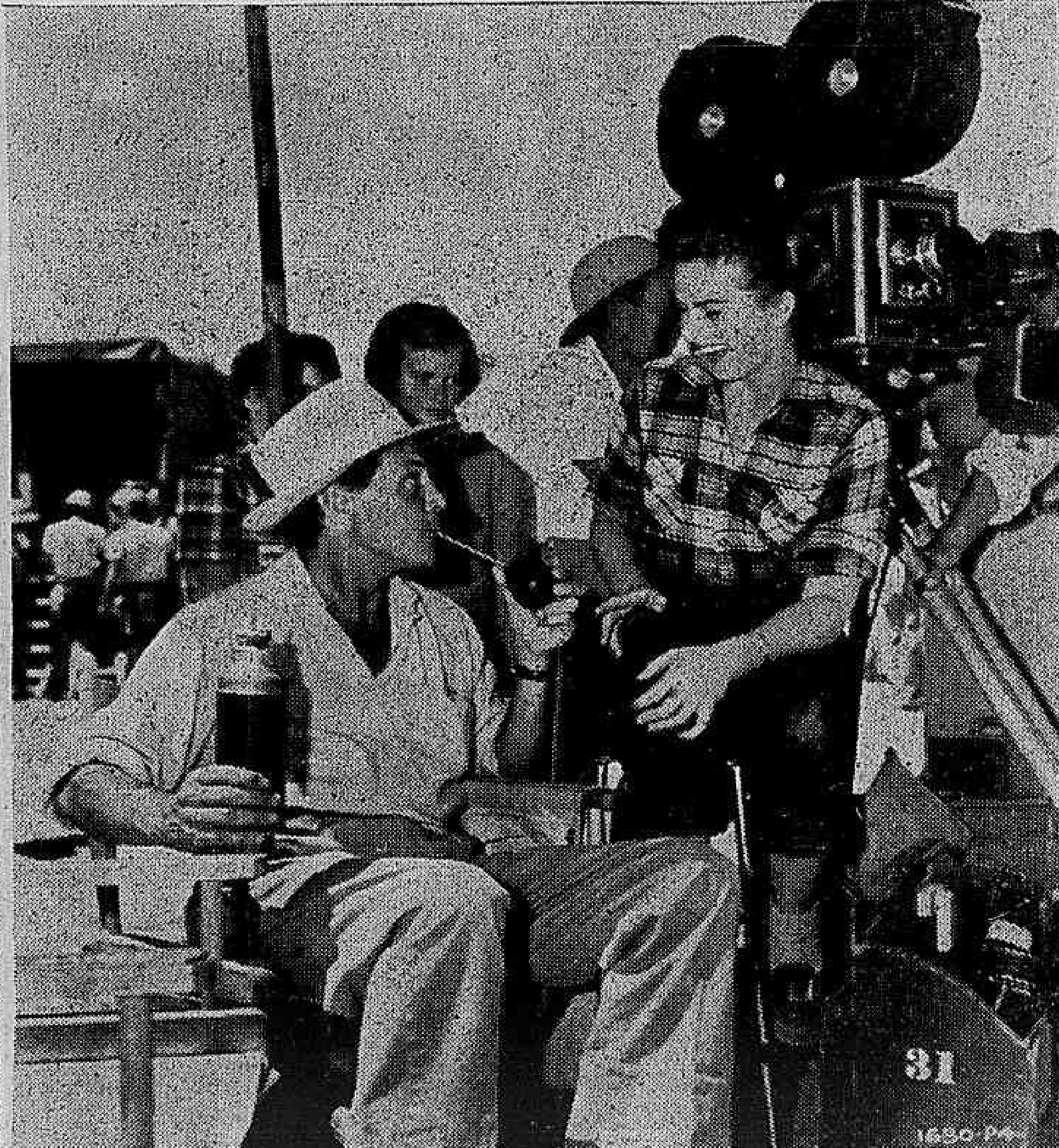
Bob Hope, que já foi herói do célebre escritor Damon Runyon em "A Menina dos meus olhos", vem novamente num argumento daquele em "NO MATO SEM CACHORRO" (The Lemon-drop Kid), dirigido por Sidney Lanfield. Vivendo a figura gaiata do "Chupa-balas", o simpático comediante aparece três vêzes mais engraçado do que em qualquer das suas anteriores comédias. E' êle, no filme um camarada "palpiteiro" que resolve tapear uns chantagistas e para isso, "barca" o Papai Noel e uma tia velhota... A loura e sedutora Marilyn Maxwell, o correto Lloyd Nolan, e Jane Darwell, fazem os outros papéis, o filme tem ainda, muitas músicas "do barulho..."

★

Somerset Maugham, um dos maiores escritores contemporâneos, continua em franca evidência no cinema. Suas obras, universalmente consagradas, tiveram no cinema, um poderosíssimo veículo propagador do seu talento e de sua invejável penetração psicológica. "A Carta" (vista no silencioso com Jeanne Eagels e no falado com Bette Davis), "Servidão humano", também com Bette, "O Fio da Navalha", com Tyrone Power e Gene Tierney, "Quarteto", com Françoise Rosay, consagraram-no



DEPOIS DE TERMINAR «Man of two worlds», ao lado de Tyrone Power, Ann Blyth, uma das mais procuradas estrêlas do momento, iniciou as filmagens de «The Golden Horden», com o ator britânico David Farrar. «The Golden Horden», retrata os episódios históricos da invasão de Samarkanda, pelas hóstes bárbaras de Genghis Khan.



O DIRETOR ARGENTINO, Hugo Fregonese, marido de Faith Domergue, é visto aqui ao lado de Coleen Gray, durante as filmagens de «Apache Drums». Coleen interpreta o papel título desta nova produção da Universal e, aproveitando algüns minutos de folga, o diretor lhe mostra como um verdadeiro gaúcho saboreia um chimarrão.



«FRANCIS GOES TO THE RACES» é a mais nova produção da U.-I., com o famoso «Francis». Depois de «E o mulo falou», êle nos volta em outras trapalhadas, com Piper Laurie e Donald O'Connor como colegas.



MICKEY ROONEY, andou uns tempos sumido. Ei-lo que volta agora por intermédio da Columbia, para a qual acaba de filmar, «He's a cookeyed Wonder», tendo como companheira Terry Moore.

perante um público que ainda não o conhecia. Temos agora "TRÊS DESTINOS" (Trio), interessantíssima produção da Sydney Box-Gainsborough, da Inglaterra, que será distribuido pela Paramount. Cosposto de 3 histórias diferentes, "Trio" tem no elenco, Jean Simmons (Mrs. Stewart Granger), Michael Rennie, Anne Crawford, Roland Culver, etc.

★

Anna Maria Alberghetti, jovem e sensacional soprano italiano de 15 anos, é a grande atração de "HERE COMES THE GROOM", comédia dramática, que receberá o titulo de "Órfãos da tempestade". Anna Maria entusiasmou de tal maneira os críticos com sua interpretação de "Caro Nome" de "Rigoletto", que todos — inclusive Frank Capra, o diretor do filme — predizem-lhe uma carreira triunfal no cinema. Porque, além de saber cantar, a pequena é uma artistazinha muito sincera. O elenco de "HERE COMES THE GROOM" é respeitável: Bing Crosby, Jane Wiman, Alexis, Smith, Franchot Tone e o garotinho francês Jackie Gencel.

★

De Dean Martin e **Jerry Lewis**, a nova dupla de comediantes revelada em "Amiga da Onça", teremos vários filmes, entre êles: "CAMPEAO BIRUTA" (That's my boy), produção de Hal B. Wallis. Explicando melhor, quem faz comédia, realmente, é Jerry, enquanto Dean se encarrega de provocar as piadas. Essa dupla tem feito um sucesso estrondoso em todo Estados Unidos, a ponto de se classificar entre as maiores bilheterias do momento Martin & Lewis surgirão também em "At war with the Army", 'The Stoogey, etc.

DIVERSOS



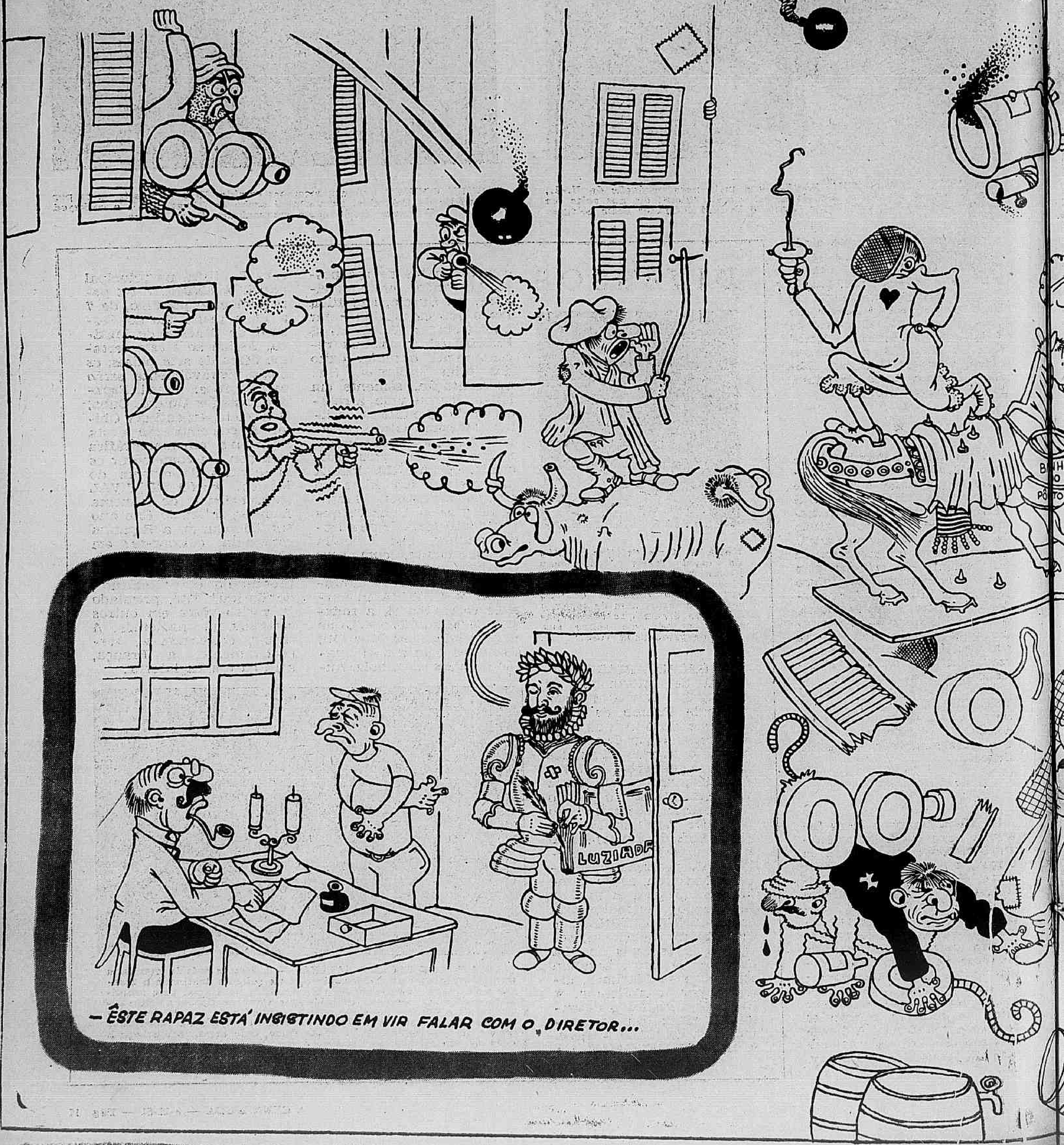
ESTA É Maria Cristina, a filha do casal Maria Montez-Jean Pierre Aumont, de seis anos de idade. Um sorriso feliz alegra seu gracioso rosto de criança, sem vislumbrar, nem de longe, o tremendo drama que estava para desencandear-se sôbre sua despreocupada vida.

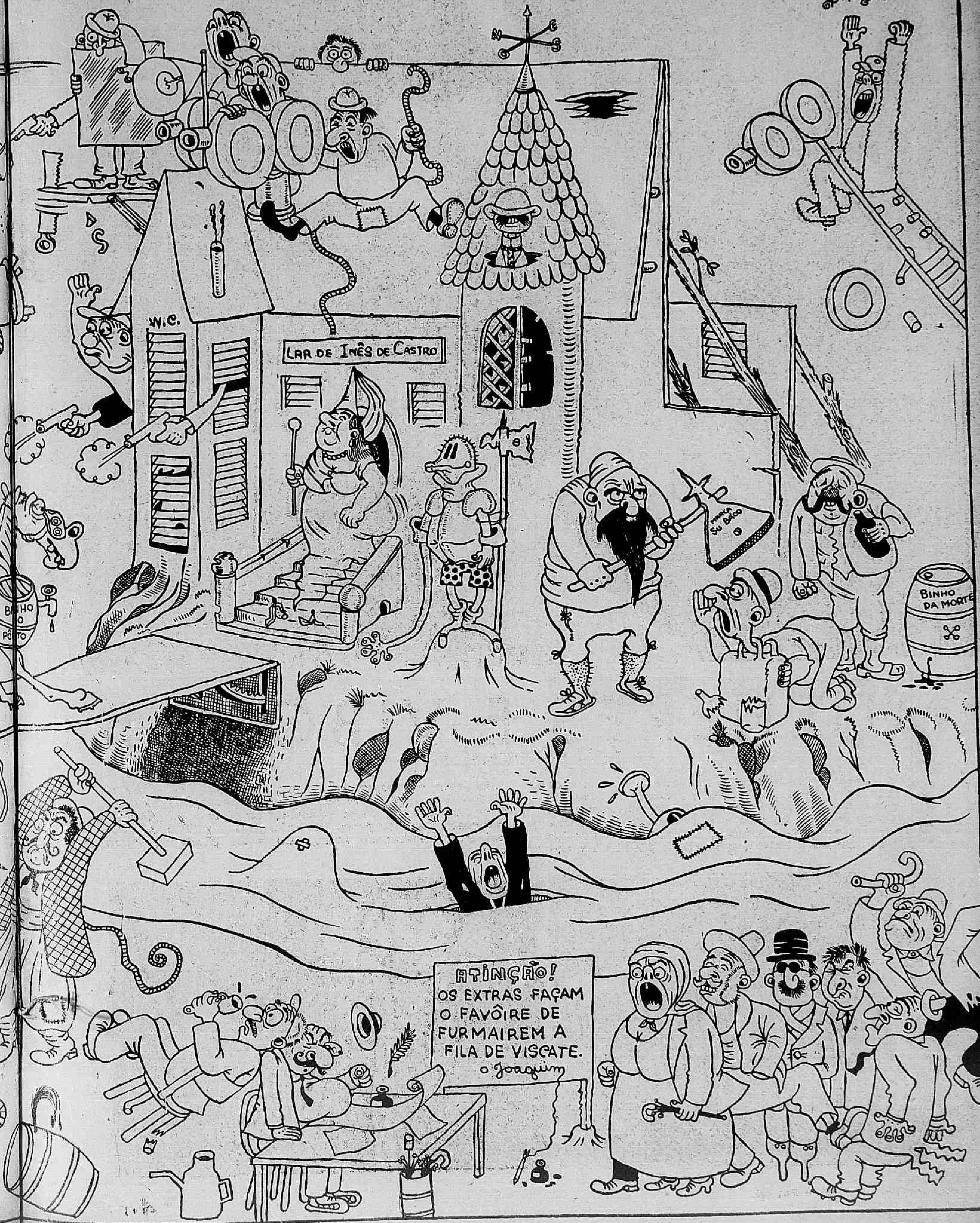
O SECRETARIADO Nacional de Informação de Portugal, concedeu seu "Grande Prêmio de 1950" ao filme "Frei Luís de Souza", dirigido por Lopez Ribeiro; o prêmio "Paz dos Reis", à película de Silva Brandão, "Portugal, Terra de Santa Maria"; o prêmio de "melhor fotografia", ao operador Aquilino Mendes (Frei Luís de Souza). Não houve prêmios para a melhor interpretação masculina e feminina, assim também como para a melhor adaptação cinematográfica. ★ ANNA MAGNANI e Jean Pierre Causimon, serão os intérpretes de "La Carroza de Oro", segundo uma obra de Marimée, dirigida por Jean Renoir. ★ Renè Laporte foi o detentor do "Prix des Ambrassadeurs", de 100.00 francos. ★ INGRID BERGMAN (já correm boatos de um possível divórcio), pretende visitar, na Suécia, sua filha Pia e seu ex-marido Peter Lindstrom. ★ PERSIANAS FECHADAS, constituiu recentemente o maior êxito das telas italianas. Sua apresentação, sòmente em Milão, logrou uma arrecadação de 13 milhões de liras. Mássimo Giroti, Eleanora Rossi e Renato Baldini são os intérpretes principais. ★ MARIA FELIX interpretará um filme no cinema argentino. Tratase de "Maria Bonita", que conta a história de uma linda mulher, que aniquila completamente, com seus encantos, a vida de três de seus mais ardentes admiradores. ★ DEVERÁ iniciarse breve, em Madri, a rodagem de "Santa Tereza", que será dirigida por Mur Oti, e contará com a participação da atriz espanhola. Aurora Bantista, no principal papel. ★ ANUNCIA-SE para dezembro próximo, de 7 a 13, a realização do Festival de Cinema do México. Assistirão à êste certame cêrca de sete países, os quais provàvelmente serão os seguintes: Brasil, Espanha, Estados Unidos, Cuba, Venezuela, Argentina e Chile. A comemoração desta semana cinematográfica terá por fim comemorar os vinte anos de cinema do México. ★ NO FESTIVAL Internacional de Cinema Amador, realizado êste ano em Edimburgo, a Espanha conseguiu colocar-se em primeiro lugar, pela originalidade do argumento apresentado em "Retôrno", de Enrique Fité, premiado já várias vêzes em outros certames internacionais. A seguir, colocaram-se, respectivamente, a França, a Itália e a Inglaterra.



MARIA FELIX EM «MESSALINA» — A famosa estrêla mexicana terminou recentemente «Messalina», uma película destinada a marcar uma etapa importante na vida artística de Maria, pela amplitude de seu argumento. Dirigido por Carmine Galone, «Messalina» focaliza um dos mais comentados períodos da éra da decadência romana, retratando a figura da famosa imperatriz Messalina, espôsa do imperador Cláudio. Êste filme, cujo orçamento atinge à cifra de um milhão de dólares, é um dos mais importantes rodados atualmente na Itália.

CINEMA PORTUGUÊS




BATISTA.
W.C.
LAR DE INÊS DE CASTRO
MARCA SU BÁCO
BINHO DA MORTE
BINHO DO PÔRTO
ATINÇÃO!
OS EXTRAS FAÇAM
O FAVÔIRE DE
FURMAIREM A
FILA DE VISCATE.
o Joaquim



MULHERES E VÍBORAS

(QUAI DE GRENELLE)

UMA das grandes crises por que atravessa o cinema mundial é, indiscutivelmente, a escassês de bons argumentos. Até em França, onde os textos escolhidos apresentam, de uma forma ou de outra, um sabor de certa originalidade, a ausência de boas histórias se faz sentir. Como exemplo, apresentamos nestas páginas um enrêdo digno realmente do cinema mexicano, que consegue, ainda assim, impingir ao público os seus pesados dramalhões. Com esta história, digna realmente do cinema mexicano, os franceses nada lhe ficam devendo, pela morbidez do original, pela audácia do tema, pela infantilidade da narrativa.







UM jovem, Jean-Louis Cavalade, caçador de víboras para os laboratórios, habita com sua pequena amiga Simone, em Fontainebleau, onde leva uma vida simples e serena até ao dia em que, por causa de uma pequena altercação com um agente, seu destino súbitamente toma uma nova direção.

Que mudou o seu destino? Pelo rumor público que exagera desmesuradamente um pequeno acontecimento, por um jovem repórter num inquérito sensacional para seu jornal... Tudo isto leva a fazer um rapaz simples, sem cartaz, a ser um vampiro, um chefe de gang.

Aturdido pelo barulho feito em tôrno dêle, Jean-Louis se refugia em Paris onde, naturalmente, é procurado pela Polícia que se serve de Simone como espiã, empregando-a em uma boite noturna, onde ficará espreitando.

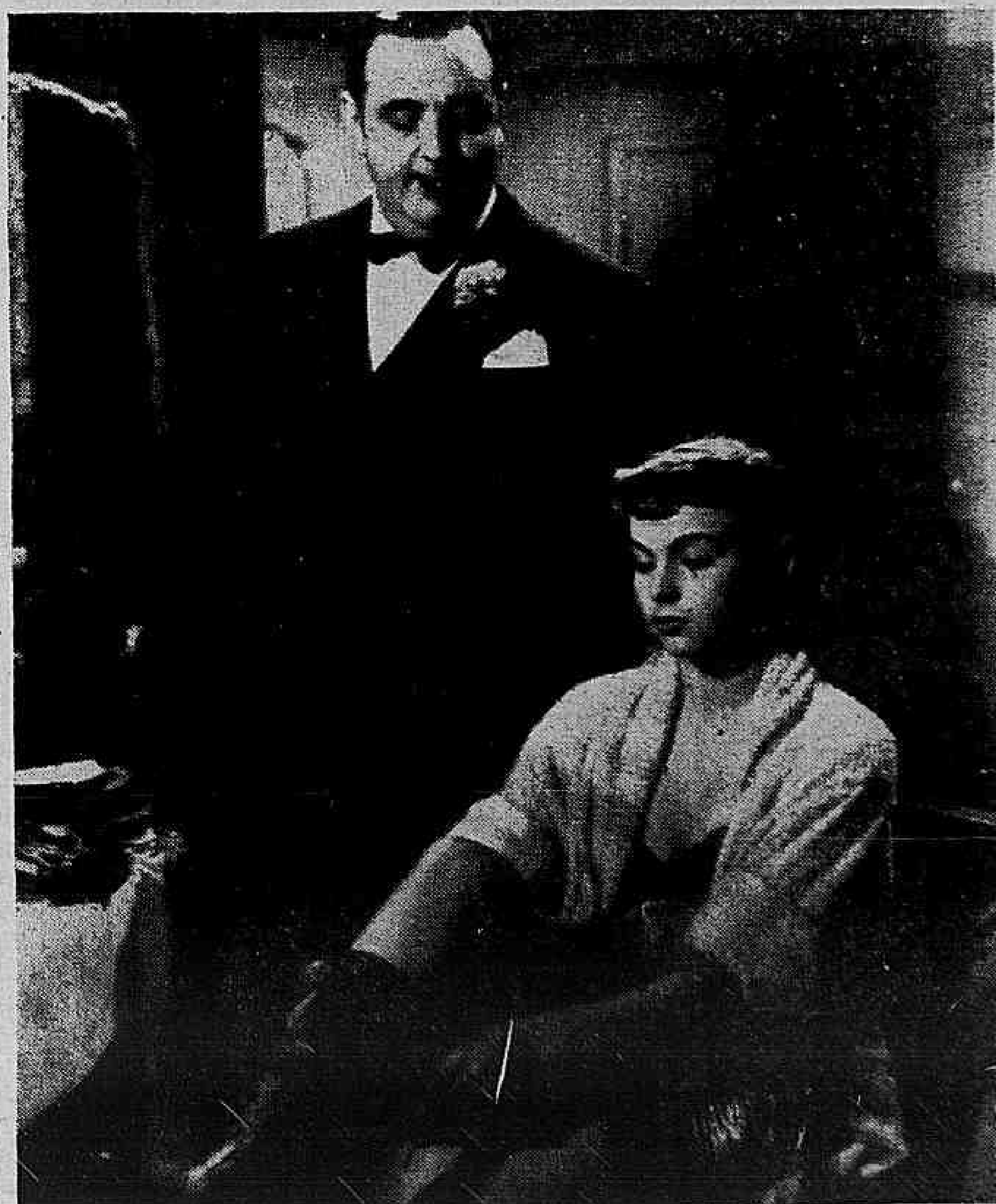
O pobre Jean-Louis erra na grande cidade, completamente desnorteado, sem ter coragem de mostrar os seus papéis de identidade. Finalmente é recolhido por uma moça, Mado, em seu pequena quarto de hotel. Ali tornam-se bons amigos. Ela o apresenta a um seu amigo, Zance, personagem enigmático, intoxicado sobretudo de romances policiais.

Jean-Louis toma conhecimento, pelos jornais, dos artigos, crônicas e reportagens aparecidos sôbre êle, história inventada de cabo a rabo e em tôdas as minúcias, pelo astucioso e venal repórter. Afinal êle obtém o enderêço do jornalista e vem explicar-lhe a sua verdadeira situação.

O repórter, humilhado, sentindo sua sinceridade, lhe promete de cuidar de sua reabilitação pela imprensa. Mas nessa altura, por uma sorte de circunstâncias seguidas, o artigo esclarecedor não aparece e Jean-Louis, julgando-se traído, vai novamente à casa do jornalista.

Voltando à casa de Mado, que está na desordem do apartamento em trajes menores, êles têm uma altercação séria: ela faz uma cena, ameaça-o denunciar. Chegam às vias de fato, o rapaz tenta dar-lhe uma boa tunda que, segundo alguns, ela andava precisando, segundo outros, era apenas manha de mulher, e o fato é que a fatalidade persegue o nosso amigo e êle, graciosamente leva a cabeça de Mado ao lavatório... Ela cai e acaba morrendo.

(Conf. na pág. 22)



MULHERES E VÍBORAS

(Cont. da pág. 21)

Atrapalhado, Jean-Louis foi apavorado. Vai rever Simone, e entra na boite noturna onde os cães policiais e também os investigadores estão ensaiando prender. O cabaré fica cercado. Jean-Louis conta até dez e corre. Nesta segunda fuga vai parar em casa de Zance. Êste último, amedrontado ou fingindo, vai telefonar à polícia, mas Jean-Louis o surpreende, arranca o fio telefônico e agora, de fato, completamente louco, estrangula Zance. Jean-Louis, novamente foge.

Parece incrivel: êle não pode acreditar na realidade de todos os seus dramas. Está persuadido de que o azar não vai perdurar, terá de cessar; pensa que terá de volta a sua costumeira serenidade na quadra familiar de seus bosques. Mas os gendarmes, alertados, perseguem-no como a uma fera, ou pior, e, depois de uma louca corrida através da mata, êle é abatido. Pior que as víboras são as mulheres. Os homens pões um têrno ao cruel destino de Jean-Louis...

DEZ ANOS DE BRASIL

(Cont. da pág. 33)

dirigiu "A Endemoinhada", com Olga Navarro. Convidado novamente pelo T.B.C. assinou contrato como diretor e ator, passando a pertencer ao Elenco Permanente daquele teatro.

NO T.B.C.

Inaugurou o Teatro das Segundas-feiras, dirigindo três peças em um ato: "O Homem da Flor na Bôca", de Pirandello; "Lembranças de Berta", de Tennessee Williams, e "O Banquete", de Lúcia Benedetti. Fêz o papel do "Vovô" em "Do mundo nada se leva", de Moss e Hart, dirigido por Salce. No segundo espetáculo de segundas-feiras, dirigiu "Raquel", de Lourival Gomes Machado, e "Pega Fogo", de Jules Renard. Nessa última peça criou o papel de Mr. Lepic. Tomou parte em outro espetáculo de Luciano Salce: "Convite ao Baile", de Anouilh, no papel do banqueiro Messerschmann. Dirigiu e interpretou o "Grilo da Lareira", de Dickens, do qual fêz a adaptação para teatro junto com Brútus Pedreira. Na reprise de "Arsênico e Alfazema", de Kesselring, direção de Celi, fêz o papel de Jonathan, o irmão assassino. Em "Ralé", de Gorki, interpreta o papel de Luká, sob a direção de Flaminio Bollini. Prepara agora a peça de Mary Chase Harvey", na qual será, além de diretor, intérprete principal.

NOTICIÁRIO

(Cont. da pág. 33)

poldo Miguês, realizar-se-á um concêrto com a Orquestra Sinfônica da Juventude sob a regência da maestrina Joanídia Sodré, com as seguintes obras e solistas: Beethoven: Concêrto op.61, em ré maior, para violino e orquestra, solista Oscar Borgeth; concêrto em mi bemol número 5, para piano e orquestra. (Imperador) sobemol número 5, para piano e orquestra. (Imperador) solista Mádio Neves; Segunda parte do concêrto tríplice op. 56, em dó maior, para piano, violino, violoncelo e orquestra, solistas: Mário Neves, Oscar Borgerth e Iberê Gomes Grosso. ★ CONCURSO DE CANÇÕES — No dia 15 de dezembro encerrar-se-ão as inscrições ao concurso de canções, que a Sociedade de Professôres de Canto de Chicago promove anualmente, concedendo ao vencedor o prêmio «W.W. Kimball» (200 dólares). A direção do concurso está entregue ao sr. John Tones e o juri é constituido dos srs. Leo Sowerby, vencedor do prêmio «Pulizer» de composição, em 1946; Mack Harrell, barítono do Metropolitan, de Nova York, e Anthony Donato, compositor. Os interessados podem escrever para o sr. John Torns, Northwestern University School of Music, Evanston, Illinois, U.S.A. ★ BEATRIZ BREGMAN PITCH — Beatriz Bregman, a pequenina pianista que o nosso público tanto aplaudiu em recitais e concertos, viajou para os Estados Unidos da América em excursão artística.

O TERROR É . . .

(Cont. da pág. 13)

grande chance: depois de coordenar e editar "The Cat People" (Sangue de Pantera), "I walked with a zombie" (A Morta-Viva) e "The Leopard Man (O Homem Leopardo) foi promovido a diretor realizando, ainda em 1943, dois filmes dos melhores da série: "The Seventh Victim" (A Sétima Vítima), estrelado por Kim Hunter, Tom Conway e Jane Randolph, e "The Ghost Ship" (O Fantásma dos Mares), com Richard Dix e Edith Barrett. O cenário de "A Sétima Vítima" foi preparado por De Witt Bideen e o de "Fantasma dos Mares" por Donald Henderson Clark. De ambas a fotografia foi do aclamado Nicholas Musuraca. Em 1944 Mark Robson dirigiu "Youth Runs Wild" (Juventude sem freio ou Filhos da Guerra), uma produção de Val Lewton fora da série de terror, interpretada por Bonita Granville, Kent Smith e Glenn Vernon, um drama de classe B sôbre o que acontece aos adolescentes, cujos pais, ocupados com a guerra, não têm tempo para orientá-los na vida. Tema perigoso, de realismo agudo e crítico. Em 1945 e 46, respectivamente, Robson dirigiu os últimos filmes da série terrorista daquele que o ajudara: "Isle of the Dead" (A Ilha dos Mortos), cenário de Ardel Ray-Josef Mischell, com Boris Karloff, Elen Drew e Marc Cramer, e "Bedlam" (Asilo Sinistro), cenário de Carlos Keith-M. Robson, com Boris Karloff, Anna Lee e outros, a primeira fotografada por Jack Makenzie e a última por Musuraca. A capacidade artezanal de Mark Robson foi de tal maneira evidente, sua habilidade construtiva, seu excepcional senso de continuidade tão flagrantes que Val Lewton não hesitou: de suas onze produções para a RKO Rádio cinco estiveram entregues ao jovem ex-montador. Há quem negue qualidades mais profundas a tôda a série, inclusive as dirigidas por cineastas hoje tão famosos como Robson (entre êles Jacques Tourneur e Robert Wise), qualidades de substância como de estrutura. Mas na realidade nos filmes de Mark Robson particularmente — e isso é o que nos interessa aqui — a morbidez deliberada do cenário estava presente em cada detalhe de cada seqüência, sem que essa morbidez (transportada ou transferida depois para outros filmes do mesmo diretor) levasse ao fim, de modo geral salutar. O processo de narrativa de Robson, desde logo sentiam os analistas, fugia gradualmente às fórmulas aos exageros e às deformidades de Frankenstein, Drácula e similares no uso de personagens reais, arrancados à vida, e agindo como sêres humanos ou quase — o "vampiro" de "Ilha dos Mortos", por exemplo — sem as visagens artificiosas no contraponto audo-visual empregado por outros cineastas medíocres antes e depois em outros chamados "filmes de terror..." A sobriedade era e é o traço natural do desenvolvimento plástico dos filmes de Robson.

Incursionando na produção, no intervalo entre os seus dois últimos filmes da série Val Lewton, Robson fabricou duas fitas medíocres, "In Old Oklahoma" e o famigerado "Brazil" da Republic Pictures, voltando, felizmente para a RKO onde reassumiu o seu pôsto de diretor já agora reclamado pelos produtores mais importantes. Desta volta resultou o interessante "Roughshod" (Viagem Sangrenta), um "western" em que se notava visível tentativa de parentesco com o estílo semi-documentário da escola neo-realista no modo de construção. Êsse filme teve como intérpretes Robert Sterling, Claude Jarman Jr., Gloria Grahame e John Ireland, e a seguir o filme que o consagrou em todo o mundo como diretor de personalidade pròpria, "The Champion" (O Invencível), produzido por Stanley Kramer, com Kirk Douglas, Arthur Kennedy, Ruth Roman, Marilyn Maxwell, Lola Allbright e Paul Stewart, com argumento inspirado numa história de Ring Lardner, um dos maiores novelistas ianques. O tema é uma proposição que poderia parecer super-esquemática, quase axiomática: 'O boxe não é um esporte, é uma fraude". Carl Foreman, o adaptador, desenvolveu cinematograficamente a história aparando o que de muito literário havia, sem alterar a verdade do ambiente e dos caracteres. Mão na roda para Mark Robson, aqui dono absoluto de seu meio de expressão. Conforme disse o sr. Moniz Vianna no "Correio da Manhã" criticando a fita: "A enquadração é perfeita, o ritmo não sofre a menor solução de continuidade (poucas vêzes, diga-se, de passagem, se terá visto um corte tão preciso, tão econômico, tão incisivo) e os intérpretes são conduzidos por mão de mestre". Pra a United (Kramer) dirigiu ainda "Clamor Humano" (Home of the Brave), falho no seu objetivo, misturando anti-racismo, falso pacifismo e homossexualismo e se alongando em tiradas demagógicas tanto na forma quanto no conteúdo, constituindo um passo atrás em comparação com "O Invencível". A seguir, novamente na RKO, contratado por Goldwyn, leva a efeito "My Foolish Heart" (Meu Maior Amor), o filme mais bonito de sua carreira, com Dana Andrews e Susan Hayward, bonito no sentido de "sentimento humano" que transmite, e feito no mesmo ritmo perfuntório, econômico, sadio, realista — o realismo das figuras naturais interpretadas com a paixão que não limita a independência criadora, no ambiente verdadeiro, no "local do crime" para melhor autenticidade visual — de "O Invencível".

Se bem "Alma em Revolta" (Edge of Doom — 1949, com Farley Granger, Dana Andrews e Joan Evans) na forma — e tão sòmente na forma — tivesse semelhança com a fita anterior, tôda a estrutura da sua história, tôda a sua substância pesava como uma "coisa" sem pé nem cabeça, fútil, vaga, vazia, de raízes retrógradas para explorar, fàcilmente, a emoção das platéias estúpidas. Parece que alcançou o objetivo, sem muita fôrça. Como obra de Mark Robson, é lamentável. Como "xarope" de Samuel Goldwyn — farsa sexual-religiosa com fúmaças político-reacionárias — passa.

"Só resta a lembrança" (Bright Victory), baseado no romance de Baynard Kendrick "Lights Out", sôbre um soldado que volta cego da guerra e da luta patética que trava consigo mesmo no período de readaptação à vida civil, é o filme mais recente dêsse realizador de 38 anos e promissor futuro — se souber resistir às imposições cretinas e driblar os tubarões da indústria com habilidade — no cinema americano. E' claro que Mark Robson jamais poderá se comparar a um Mark Donscoi, a um S. Guerassimov ou a um Alexandre Ford, mas talvez consiga, a exemplo do John Huston, colocar-se ao lado de Pietro Germi, Luchino Visconti e Giuseppe De Santis, os verdadeiros cineastas do presente!



JANE POWELL
(Metro)

PROBLEMAS HUMANOS

À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIS FRAGA

DOR

DENISE escreveu-nos enviando-nos um relatório bem cuidado e solicitando que lhe falássemos sôbre a dor.

Denise é uma senhora que sofre desde a sua adolescência, resistindo ás intempéries da sorte, numa forma de raro estoicismo. Agora, para cúmulo, perde num desastre de automóvel, o seu filho mais velho e arrimo da família, de vez que o marido é um inválido. A educação religiosa de Denise tem sido o maior fator de sua resistência moral.

A dor, Denise, nasceu com a humanidade, como uma advertência. Desprezada pelo homem, transformou-se em conseqüência e causa. Em alguns casos, porém, continua em seu primitivo papel de sentinela avançada, dando aviso de algo que está para acontecer.

No século XVIII os homens de ciência confundiam as manifestações da dor física com as de dor moral. Essa foi a fase metafísica da "história da dor". Os anatomistas e os fisiologistas procuraram o mecânismo das sensações dolorosas e suas vias de transmissão. Georget e seus auxiliares do começo do século XIX deram nomes ás impressões sentidas pelas extremidades e pelos troncos nervosos.

A dor moral foi considerada como um fenômeno passional, que os filósofos estudavam sob os nomes: "tristeza", "sofrimento", "pena", etc. Para uns não era mais do que uma modalidade de de sensibilidade moral, enquanto para outros era um sentimento especial.



Os primeiros neurologistas, ao lado dos cirurgiões, estudaram as diferentes manifestações dolorosas, suas dissociações, suas perversões, sua abolição e suas formas patológicas.

DENISE — De onde se originou a faze da história da dor?

MÉDICO — Da psíquico-fisiologia.

DENISE — O doutor acha que a dor seja um fenômeno subjetivo?

MÉDICO — Sim, é um fato de conciência. Há dois fenômenos a estudar: o anatomo-fisiológico, que refere ás condições de produção da dor e de sua transmissão, e um fato psicológico, que a faz um fenômeno de conciência.

DENISE — Que relação existe entre a dor física e a dor moral?

MÉDICO — Elas têm, entre si, numerosos pontos de contato e apresentam analogias tais que essas duas categorias não passam de dois ramos dum mesmo tronco, duas espécies dum mesmo gênero.

DENISE — Deus nos deu a dor com alguma finalidade? Não veja blasfemia em minhas palavras.

MÉDICO — Sim, minha amiga, tem uma finalidade, uma finalidade muito alta: faz sentir as razões mais completas das coisas; purifica os homens no caminho do sofrimento; desperta a verdadeira conciência das coisas.

★

CORRESPONDÊNCIA

NICE — D. F. — *Aguarde pacientemente. As coisas virão ao seu tempo.*

Marly — Minas — *Seu relatório está incompleto.* Joseph — Friburgo — *Em seu caso não é pròpriamente grosseria mas, estouvamento. Observe melhor e seja atencioso.* CONCORDIA — *Copacabana. E' uma vida vasia. A sociedade não se compõe dessas futilidades. A religião lhe fará muito bem.* NELTON — *O dinheiro não é a única mola do mundo. Você tem saúde e ideal: tem pois um futuro à sua frente.*

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

★

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção, deverão ser endereçados para:
DR. LUÍS FRAGA
Redação de A CENA
Rua Visconde Maranguape, 15
Seção "Problemas Humanos".
Rio de Janeiro.



JOHN LUND

(PARAMOUNT)

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornado-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

RUA DIREITA, 191 — 6.º ANDAR
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembolso

CABELOS BRANCOS só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

USA E NÃO MUDA, quem os não quer

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O QUE VIMOS *na Tela*

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo.

ABBOT & COSTELLO E O HOMEM INVISÍVEL

(Bud Abbott & Lou Costello Meet The Invisible Man — U.-International)

AS peripécias de sêres invisíveis já foram exploradas de tôdas as formas no cinema, tanto no drama como, especialmente, na comédia. Prestando-se, indiscutivelmente, para finalidades cômicas, o ser invisível tem prestado sua contribuição para algumas comédias realmente hilariantes. Contudo, tôdas as formas, quer do ponto-de-vista técnico ou do cômico, foram quase que totalmente exploradas. Razão por que êsse novo filme de Abbott & Costello nada tem de original. E' antes um amontoado de situações já vistas e amplamente exploradas em outras películas. Abbott & Costello formam uma dupla cacete, mas que, nem por isso, deixam de ter um grande público. Não fazem mais do que repetir-se, embora o gordinho seja realmente engraçado. A história é comum, ridícula mesmo. Não chega a ser uma sátira, nem toma ares sérios; e êsse meio têrmo, entre uma situação e outra, não define seu propósito, não tem consistência, e se torna nulo. Fazer rir é, evidentemente, uma arte; mas é preciso saber fazer rir. E' preciso lógica nas histórias, ou, ao contrário, explorar o "non-sense". Êste "O Homem Invisível" não se enquadra em uma coisa nem outra. Com exceção de algumas raríssimas piadas, o mais são situações exploradíssimas, que agradam a um certo público pouco exigente.

Cotação artística: 1½ — *Cotação comercial*: 2

★

O CONDE EM SINUCA

(Face Pants — Paramount)

BOB Hop, um dos melhores comediantes do cinema contemporâneo, não tem encontrado, ùltimamente, boas histórias, bons cenaristas, bons diretores. O resultado é que tem figurado em películas de segunda categoria, salvas, apenas, pelo seu talento e pelo seu nome. Antes pelo nome do que pelo talento — de vez que não tem muita chance de demonstrá-lo. Percebe-se, em muitas cenas, o seu extraordinário valor, a sua maneira de dizer, as suas expressões fisionômicas, o seu modo característico de portar-se em frente à câmara, que é um ator de qualidades cômicas indiscutíveis. Verdade, acreditamos que Bob Hope no Rádio é muito melhor comediante. E isso não só porque sua graça se exprime muito mais através dos diálogos, como os seus "gags" são de melhor categoria, sabido que Mr. Hope mantém um corpo de dezesseis colaboradores para fazer piadas para seus programas. E' realmente uma pena que a Paramount não saiba — ou não queira, o que é mais certo — explorar a veia de Bob Hope em películas de nível superior, deixando-o entregue a essas fitinhas de sabor popular, com argumentos banais e situações repetidas do tempo do pastelão. O Conde em Sinuca prestar-se-ia, ainda assim, a uma boa comédia, como sátira de costumes. Como está, não chega a ser nada, embora duas ou três vêzes nos provoque o riso. Os fãs de Bob podem ir vê-lo. Serve para matar as saudades. Nada mais. No elenco está Lucille Ball, inexpressiva como sempre. Bob continua sendo a fita, como sempre.

Cotação artística: 2 — *Cotação comercial*: 3

O QUE OUVIMOS no Rádio

A. C.

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo

"REVISTA DE PORTUGAL"

(Rádio Globo)

EM meio a oscilante e baixa qualidade da programação da E-3, a audição sôbre o velho país de além-mar é um verdadeiro bálsamo para o ouvinte que procura alguma coisa de audível e consistente. Já faz muito tempo que o rádio brasileiro procurava servir da melhor maneira ao público português do Brasil com programas que visassem dar-lhe ampla informação acêrca dos acontecimentos da terra distante. Inúmeros programas a respeito foram postos em prática, na sua maioria evocativos ou puramente musicais, com números vivos nas vozes de Joaquim Pimentel e Manoel Monteiro. Repetidas vêzes a Nacional e a Tupi irradiaram programas especiais, em datas significativas para os dois países irmãos, diretamente retransmitidos pela Emissora Nacional de Lisboa. Porém êstes eram esporádicos, apesar de bem delineados, e sua recepção deixava muito a desejar pelas condições atmosféricas reinantes. Era pràticamente um trabalho perdido. Sempre pensamos que a melhor forma era a de fazer a gravação no país e remeter a mesma para ser irradiada pela emissora destinada e vice-versa. Mas do pensar a realizar vai um grande passo. Recordamos, a propósito da conveniência da remessa do programa gravado, o caso da Emissora de Berlim que enviava para Lisboa seus programas de intercâmbio totalmente impressos, o mesmo se verificando com a BBC. Como agravante, sabido é as excelentes condições técnicas com que chegam as ondas alemãs e inglêsas ao território luso. Mesmo assim não suplantava a qualidade de audição de um programa gravado para ser transmitido no seu destino. Em sucessivas escapadas para Portugal o repórter Celestino Silveira foi acertando as bases para a elaboração de seu programa «Revista de Portugal», lider em seu gênero no rádio brasileiro. Nomeando seu correspondente em Lisboa o nosso velho amigo Jorge Alves, de larga experiência na Emissora e na NBC, tinha assegurado o envio para a Globo de reportagens e de diversos assuntos de interêsse tanto para portuguêses como para nossos patrícios. Iniciou um amplo envio de mensagens aos parentes nos pontos mais recônditos de ambos os países e finalmente instituiu um prêmio que consiste numa viagem a Portugal para quem quer rever parentes que talvez nunca mais vissem, por precariedade econômica. Marginalmente a êstes casos Celestino n s tem brindado com belas reportagens diretamente remetidas do «jardim a beira mar plantado». Agora mesmo, nas comemorações da peregrinação a Fátima, o veterano homem de rádio, numa de suas «fugas» transatlânticas à maneira de «pombo correio», pela rapidez com que as faz, nos brindou com os minutos mais belos com que tem vivido o rádio guaraní no decorrer do ano. A descrição da procissão das velas em Fátima foi alguma coisa de fazer vibrar o mais frígido. O que o espetáculo possui de beleza e sentido de fé atingindo o místico, tudo foi transmitido para a alma do ouvinte com um acento de emoção e angústia que brotava da voz já trêmula e por vêzes entrecortada por uma ação super-emotiva, por que passou Celestino Silveira, que absolutamente tentou isso, pois percebemos que sua transfiguração foi natural e sincera. Celestino foi pagando com moedas de emoção e confiança e o apôio com que lhe brindam seus ouvintes. Pena seja que o repórter não mostre aquêle interêsse antigo que tinha para com o jornalismo radiofônico.

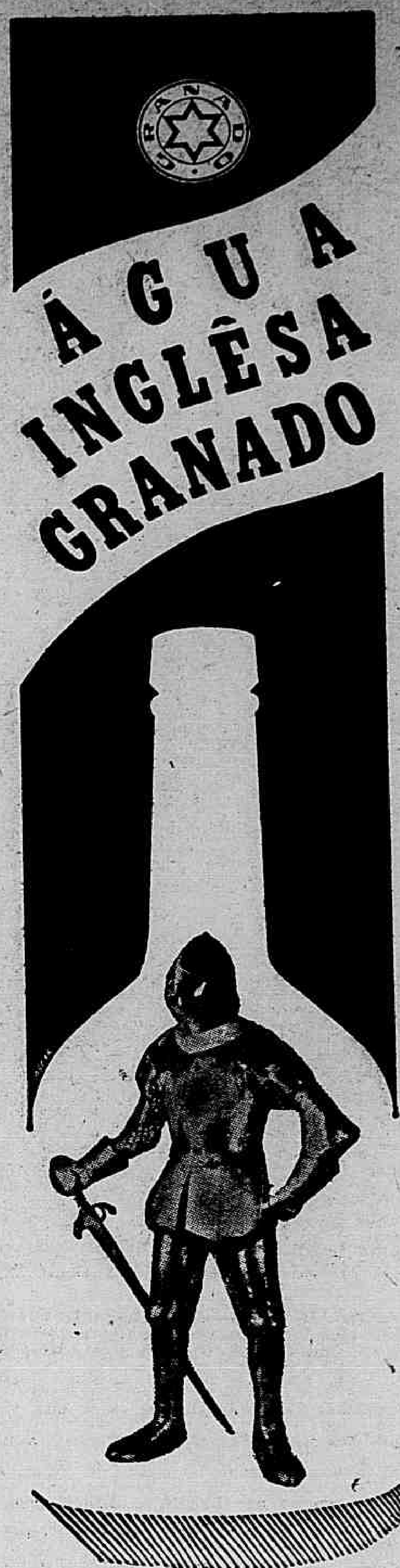
Cotação artística: 4½ — **Cotação comercial: 3½**

"BAR DO CARLOS"

(Rádio Tupi)

SILVEIRA Sampaio, uma èspécie de Orson Welles brasileiro, onde mete o nariz resulta em alguma coisa de aproveitável. Quer seja no teatro, na televisão (com exceção do cinema onde seu talento não é tão pródigo), e agora no rádio, o inteligente médico tem obtido nítidos triunfos. O programa é, como seu título indica, um bar onde se reunem as personalidades da literatura, jornalismo, teatro, cinema, rádio, etc. para conversar e trocar impressões. A idéia é original, excelentemente posta em prática, embora não se ajustando ao tipo da programação da G-3, pois, decididamente a audição torna-se monótona, mesmo para aquêles que possuem conhecimentos maiores o que será de admitir a pouca penetração na massa popular do mesmo.

Cotação artística: 3½ — **Cotação comercial: 2½**





ESTUDANDO, HEIN? — E' justamente nas horas de estudo onde nascem os mais consistentes romances de Hollywood. As vêzes mesmo quando os astros são casados, não respeitando as leis diante das terríveis setas de Cupido. No clichê vemos William Lundigan e June Haver, estudando os diálogos da comédia «A Wac In His Life», da Fox. E' possivel que surja um convite para o chá, e uma viagem a Reno... para o divórcio de ambos.

MICROFONE

ARMANDO MIGUEIS

A estrelíssima Dalva de Oliveira, após uma vitoriosa "tournée" pelas plagas portenhas, voltou ao convívio de seus numerosos fãs brasileiros. Afirma-se, porém, que o regresso da "Rainha do Rádio" prende-se à solução do seu desquite, uma vez que a "estrêla" pretende contrair matrimônio com o cômico Panchito. Êste, não faz muito, exibiu-se durante algum tempo num dos shows do Night and Day.

★

Neusa Maria, ao contrário do que noticiou certo repórter, não é a última filha do casal Purchio. E' a penúltima. Aliás, seus irmãos mais velhos pertencem ao "broadcasting" bandeirante e, como a própria mana, dedicam-se à interpretação de nossa física popular.

★

Lauro Uller, responsável pelo programa "Revirando Estantes", debutou no rádio escrevendo para o microfone PRD-5, embora seu cargo na Prefeitura seja de estatistico-auxiliar letra G.



TOMMY DORSEY

Maria Helena já é vovó. Por sinal, uma vovó mocinha, porquanto ainda não ultrapassou a casa dos quarenta janeiros.

★

Miguél Gustavo, mesmo com a campanha encetada pelas autoridades policiais, conseguiu ganhar cento e oitenta contos no "bicho". E, diga-se de passagem, o espôso de Sagramor recebeu a "gaita".

★

A excursão de Ronaldo Lupo ao Norte do país, ao que tudo indica, teve os melhores resultados financeiros, haja vista que o cantor adquiriu um Packard para viajar pelos Estados sulinos.

★

O programa "Ondas Musicais", que há dez anos tem Celso Guimarães como locutor, ver-se-á privado da atuação dêsse astro da PRE-8, em virtude da "tournée" que o mesmo empreenderá pelo interior de São Paulo e de Goiás, durante três meses.



UMA POSE DIFERENTE — Hollywood, apesar dos combates que tem sofrido, observa, em suas filmagens de época, os mínimos detalhes. Para o filme «Lydia Bailey», por exemplo, da 20th Century Fox, cuja ação se desenrola no ano de 1800, a velha senhora, de 89 anos de idade, Adeline de Walt Reynolds, foi consultada em muitas cenas. Aqui a vemos, colocando o jovem par de astros (Anne Francis e Dale Robertson) nas posições corretas para uma cena de amor, à moda antiga.

POR TRÁS DA ONDA

RUBENS GARCIA

Sérgio Vasconcelos é o novo diretor-geral da Rádio Clube do Brasil, tendo tomado posse no dia 1 de novembro.

★

Assinou contrato com a Mayrink Veiga o cantor Abílio Lessa.

★

Estreou com êxito ao microfone da Nacional a orquestra argentina de Anibal Troilo.

★

A mais recente produção de José Roberto Penteado é a novela "O caminho do Céu", transmitida às 6,30 da manhã.

★

A Rádio Tupi acaba de adquirir novo transmissor de 100 quilowatts, o qual deverá estar funcionando já no próximo ano.

★

Deixou a Rádio Globo a estrêla Marivone, ingressando no elenco da A-3.



A Tupi fechou contrato para trazer ao Brasil a famosa orquestra ianque de Tommy Dorsey, um dos conjuntos mais prestigiados dos Estados Unidos. Será um tiro.

Ingressou no quadro de intérpretes cômicos da Tupi Duarte de Morais, que pertencia a Nacional.

★

Assinou contrato com a Rádio Clube do Brasil o cantor Newton Teixeira.

★

Gravaram melodias para o carnaval os animadores César de Alencar, Abelardo "Chacrinha" Barbosa e Silveira Lima.

★

Fala-se que Nelson Gonçalves vai voltar êste mês para a Mayrink Veiga.

★

"O passado também volta" é uma novela de Paulo de Oliveira, que a Rádio Clube do Brasil está transmitindo tôdas as têrças, quintas e sábados, às 10 horas da manhã.



Louis Jouvet compunha em cada filme um tipo diferente: em cada tipo diferente uma criação, e em cada criação um capítulo na arte de representar.

JOUVET E O CINEMA

RENÉ JEANNE (Especial para A CENA — Copyright do S.F.I.)

MUITO se tem escrito sôbre Jouvet, não só agora, depois que morreu, como durante os anos em que dirigiu o Teatro do Athénée, anos marcados pela criação das grandes peças de Giraudoux, pela apresentação renovada das obras-primas de Molière, por viagens pela Europa e pelas duas Américas, e pela publicação de obras onde pôs todo o seu saber e experiência. Mas, em tudo o que foi dito, só se falou de Teatro. Nem uma palavra relativa ao Cinema. E contudo...

Que Jouvet tenha preferido o Teatro ao Cinema, não há dúvida. Quando se dá a vida ao Teatro, como êle o fêz, não há outra cousa de que falar. Antoine julgava amá-lo, porque o cinema lhe dava a ilusão de se desforrar do teatro, que o traíra. Quanto a Lucyen Guitry, desprezava tão profundamente o cinema, que nunca consentiu em pôr os pés num estúdio. Mas Réjane, Sarah Bernhardt, Antoine só raramente se sacrificaram ao Cinema. Enquanto que podemos inscrever no ativo de Jouvet mais de trinta filmes, de 1933 a 1951: trinta e dois exatamente, em catorze anos, tomando em consideração os cinco anos de guerra e as viagens a América. (I) Tal bagagem não é para desdenhar, tratando-se de um homem que não amava o Cinema e que, longe de o esconder, o confessava e proclamava em tôdas as ocasiões, gritando-o mesmo aos ouvidos dos que solicitavam a sua colaboração, a qual lhe pagavam caro. A êste respeito recordo-me que, uma vez, durante um jantar em casa de um homem que consagrou grande parte da sua atividade ao cinema, a conversa desviou-se para êste assunto sem que Jouvet levantasse os olhos do prato; mas, de repente, voltou-se para os convivas e disse: — «Realmente, meu caro X..., não compreendo que, inteligente como você é, possa gostar de Cinema!» A que o interpelado respondeu, sem hesitar: — «Realmente, meu caro Jouvet, não compreendo que, inteligente como você é, possa não gostar de Cinema!» Os olhos do ator brilharam e êle aproveitou a ocasião para explicar: não, não gostava do Cinema, e se o fazia era apenas porque o cinema era generoso e lhe permitia fazer no Teatro o que lhe agradava, sem depender de ninguém. Uma tal franqueza é honrosa.

Muitos outros, crescidos à sombra de Molière, pensam de igual módo e vêem apenas no cinema uma fonte de receitas. A verdade, porém, é que Jouvet veio para o cinema tarde, numa época em que a cinematografia perdera o poder de convicção dos primeiros anos. Além disso, Jouvet deu a sua adesão a filmes destituidos de ambição. Mas, que teria acontecido se Jouvet, em vez de realizadores como os que teve, tivesse encontrado uma grande figura do cinema num grande filme? E' certo que trabalhou com Jacques Feyder, na «Quermesse Heróica». Mas aí, o que tinha a fazer não passava de uma silhueta, a que êle não podia dar mais vida do que a que realmente ela pedia. Sôbre a direção de Jean Renoir, Jouvet também não foi feliz: «Bas-Fonds» e «La Marseillaise» não são filmes que possam ser considerados dos melhores do grande realizador. E' ainda em «Drôle de Drame», de Carné, em «Carnet do Bal», de Duvivier, e em «Quai d'Orfèvres», de Clouzot, que temos de procurar o que Jouvet fêz cinematogràficamente de mais válido e o que lhe não competia fazer. De resto, não fôra a eterna hesitação de Jouvet entre o Teatro e o Cinema e a falta de tempo que o impedia de um estudo aprofundado de suas virtudes específicas, talvez Jouvet se tivesse dado conta que não era na interpretação, mas sim na realização, que teria podido fazer qualquer coisa de forte e original Em quase tôdas as suas peças, de «Ondine» a «Tartffe», há indicações que permitem assim pensar. O que é lamentável é que o Cinema não tenha sabido cativar êste homem e se tenha contentado com as interpretações que êle lhe deu. E, diga-se, o cinema é em parte responsável pelo desaparecimento prematuro do grande homem de Teatro; às horas que êle deveria ter consagrado ao descanso, deu-as ao estúdio, por necessidade mais do que por outra coisa. O que há de paradoxal na morte de Jouvet é que, talvez muitos daqueles que assistiram às exéquias do grande artista estavam lá por tê-lo visto no cinema, em «Knoch», «Copie conforme», «Lady Paname» e não no Teatro. em «Electre, la folle de Chaillotou» no mesmo «Knoch». Grandeza e servidão cinematográfica. «Hélas!» teria dito Jouvet.

LISTA DOS FILMES DE JOUVET:

«Topaze», «Knoch», «La Kermesse héroique», «Mister Flow», «Les Bas-Fonds», «Melle Doctuer», «Carnet de Bal», «Drôle de Drame», «Forfeiture», «L'Alibi», «La Marseillaise», «Ramuntcho», «La Maison du Maltais», «Entrée des Artistes», Eucation de Prince», «Le Drame de Shangai», «Hotel du Nord», «Le Findu Jour», «La Charette Fantôme», «Sérénade», «Volpone», «Un tel père et fils», «Un revenant», «Copie conforme», «Quai des Orfèvres», «Les amoureux sont seuls au monde», «Retourà la vie», «Entre onze heures et minuit», «Lady Panamme», «Miquette et sa mère», «Une históire d'amour».



Madame Jouvet e seus dois filhos choram o artista que soube ser espôso e pai.



Paris, centro da arte, disse adeus aos quarenta anos de teatro que partiram para o Além, na plenitude de seu vigor.

Melodias para você

MÚSICA BRASILEIRA

POBRE SABIÁ..

Baião. — Música de Bartolomeu Silva. — Letra de Marques da Silva. — Gravação de Olivinha Carvalho

Estribilho

Sábia, meu sabiá
se você cantava tanto
por que deixou de cantar?!
Bis

Meu sabiá cantava tanto
mas um dia emudeceu,
e depois perdendo o canto
de tristeza então morreu!

Estribilho

Como a ave que cantava
nas manhãs do meu sertão,
a viola eu dedilhava
p'ra alegrar meu coração!

Estribilho

★

S A Ç A R I C A N D O

Chôro de José Leocádio. Criação de Ademilde Fonseca

I

Eu não estou
"Saçaricando"
Não senhor
Eu não sou
De saçaricar
Não sou, não sou
Êste chorinho
É que me faz
Charlar, cantar
Dançar e ter vontade
De saçaricar. (*Bis*)

II

Saçaricando
Todo mundo
Tem pretensão
Desta vida levar
Eu que, não sou disso
E não penso em saçaricar
Vou contar
A "história é difícil"
O que eu quero
É "derrubar violão"
Entre outras coisas
O "Baião Delicado"
É quem está com a razão.

VAI TÊ CASAMENTO

Baião ligeiro de Abelardo Barbosa e Henrique de Almeida. — Gravação de Heleninha Costa

I

Vai tê casamento
No arraiá do Barnabé
O cumpade vai casá
Com a fia do coroné. (*Bis*)

II

Vai tê festança
A noite inteira
A noiva vai cheinha
De botão de laranjeira
Vai tê sanfona
Vai tê viola
E o noivo vai de fraque
De colête e de cartola... oi!

★

SE VOCÊ ME ADORA

Samba de Roberto Martins e Ari Monteiro. — Gravação de Araci Costa

I

Se você me adora, então por que não me beija
Se você me adora, abraça-me por favor
um carinho sincero o meu coração deseja
para tranquilidade do nosso amor.
Se você me adora, que par feliz nós seremos
Se você me adora, vou fazer o nosso lar
e nós dois nesse amor... sonhando viveremos
até que venha a morte nos separar.

II

Dois corações enamorados
nutrindo a fé, em que a sinceridade
tem a ventura de viver sonhos doirados
na mais bonita
e na maior felicidade.

★

MÚSICA MEXICANA

ESTOY ENAMORADO

Canção-bolero de Mario Ruiz Armengol. — Criação de Pedro Vargas

Yo la fe he perdido;
de vivir cansado estoy;
sufro sinsabores
que amargam mi existir;
viendo que otros rien
eso aumenta mi dolor.
Decepcionado
solo y triste
por el mundo voy.
No sé qué hacer,
ni qué pensar,
me faltas tú
y tú mirar.
Estoy enamorado,
sin ti no vale mi vida,
pues tú me hiciste creer
que yo era parte de tí
y tú de mi.
Ayer te vi,
me estremecí,
te fuí a rogar,
no pude hablar.
El llanto estaba en mis labios,
decirte no pude nada,
pero en tus ojos leí
que ya tú sabes de mi sufrir!

CARTAZ DO MOMENTO

MEU SONHO É VOCÊ

Samba-canção de Altamiro Carrilho e Átila Nunes. — Gravação de Orlando Correia

Quando eu passo pela rua onde [mora
Aquela que eu perdi numa noite [de verão
Ainda hoje eu sei que ela chora
Relembrando com saudade aquela [amizade
Que o tempo levou... levou.

Meu desejo era ser bem feliz
Mas o destino não quis
Vivo sofrendo, afinal
Meu sonho é você, que é todo [meu mal
Tudo terminou, de um modo banal
Tudo terminou, de um modo banal



ADELAIDE CHIOZZO ELIANE

BEIJINHO DOCE

Valsinha de Nhô Pai. — Gravação de Eliana e Adelaide Chiozzo

I

Qúe beijinho doce
Que êle tem
Depois que beijei êle
Nunca mais beijei ninguém.

II

Que beijinho doce
Foi êle quem trouxe de longe prá [mim
Um abraço apertado
Um suspiro dobrado
Que amor sem fim.

III

Coração quem manda
Quando a gente ama
Quando es'ou junto dêle
Sem dar um beijinho
O coração reclama.

A PEDIDOS

C H U V A

Samba de Hervê Cordovil e Armando Rosas. — Gravação de Isaura Garcia

Mas como a chuva é triste
Um céu cinzento insiste
Em provocar a minha dor
Sei que te amar é inútil
Pois tu me julgas fútil
Sem compreender o meu amor.

O céu molha de pranto
Minha vidraça
E um outro pranto meus olhos [tristes embaça
Acreditar eu não quis
no que hoje esta chuva me diz
Que jamais serei feliz.



Como Jonathan, em «Arsênico e A'fazema», de Kesserling.

DEZ ANOS DE BRASIL

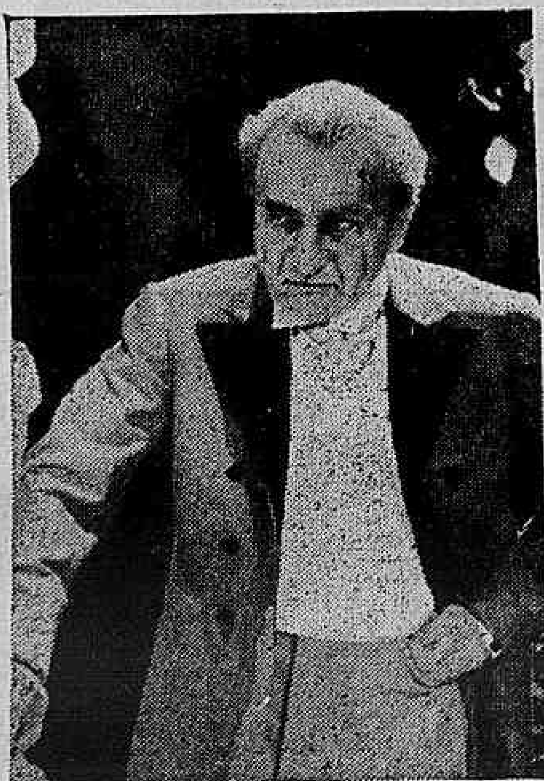
A VIDA E A CARREIRA DE ZIEMBINSKI ★ UM CAPÍTULO NA HISTÓRIA DO NOSSO TEATRO

ZBIGNIEW ZIEMBINSKI nasceu em 17 de março de 1908, em Wieliczka, perto de Cracóvia, na Polônia. Na sua cidade natal, centro das maiores minas de sal da região, realizou seus estudos ginasiais, participando diretamente das atividades teatrais da escola. Pretendia estudar medicina, abraçando a profissão de seu pai, mas quando realizou o seu primeiro trabalho no teatro, como ator, ainda no curso ginasial, sentiu sua verdadeira vocação. Daí em diante sòmente pensou no teatro. Aos treze anos, fêz sua estréia como ator, participando dos espetáculos organizados pelos seus colegas de curso ginasial. Aos quinze anos passou a dirigir êsses espetáculos. Findo o curso ginasial, matriculou-se na Universidade de Cracóvia, no curso de letras e filosofia, e na Escola de Arte Dramática daquela cidade. Depois de um rápido curso de teatro e ainda quando estudava na Universidade, prestou exame, como ator, em Varsóvia, perante uma banca da Sociedade dos Artistas dos palcos poloneses, que o aprovou. De volta, foi imediatamente contratado pelo Teatro de Cracóvia. Isto em 1926, com vencimentos de, mais ou menos, 400 cruzeiros.

Permaneceu no Teatro de Cracóvia, como jovem ator, durante dois anos, fazendo o que lhe era atribuido, desde pequenos à grandes papéis. Um periodo de aprendizado e experiência. Teve, contudo, nestes dois anos, três boas oportunidades, três grandes papéis. Um, principalmente, já no segundo ano de contrato, na comédia de Jacques Dovalle "Dans ça candaire naive". O êxito foi tão grande que Zelwerowicz, um dos maiores diretores de teatro e diretor do Instituto Nacional de Arte Teatral de Varsóvia, convidou-o, em 1928, para inaugurar o teatro de Wilno, na qualidade de primeiro ator jovem. Em Wilno, Ziembinski também permaneceu um ano, onde, inspirado por Zelwerowicz, iniciou seus estudos para se tornar diretor. Prestou exames para diretor, em Varsóvia, fazendo-o de maneira excelente. Regressando a Wilno, dirigiu "O Escultor de Máscaras", de Cromlynch e mais outras duas peças. Durante o ano que permaneceu em Wilno, fêz vários primeiros papéis, em muitas peças polonesas. Foi o "Oberon", no "Sonho de uma noite de Verão" de Shakespeare, e "Chlestakow", no "Inspetor", de Gogol. Em 1929 foi contratado pelos Teatros Polonês e Pequeno de Varsóvia como diretor e ator, aparecendo em peças nacionais e estrangeiras. Como ator teve um grande sucesso em "A Pequena Catarina", de Savoir. Dirigiu ali, duas peças nacionais. Em 1930 deixou Varsóvia, transferindo-se para Lodz, contratado como diretor principal e primeiro ator do seu teatro. Lá dirigiu muita coisa, inclusive "Pais e Filhos" (Shaw) e "O Apartamento de Zoika" (Bulhakow). Entre suas melhores criações, como ator, nesta temporada, pode ser citado o "Kataief", da peça "Azew". No ano seguinte, em 1931, novamente em Varsóvia, é contratado como diretor e ator, trabalhando para os teatros Nacional, Novo e de Verão. Desta ocasião começou dirigindo no Teatro Novo, a peça "Mademoiselle", de Jacques Devalle. Permaneceu nestes teatros até 1933. Em 1933, finalmente, Ziembinski é contratado para atuar nos cinco maiores teatros de Varsóvia, agora pertencentes ao govêrno: "Polonês", "Pequeno", "Novo", "Nacional" e "de Verão". Ficou nestes teatros até 1939, isto é, até o início da guerra. Como diretor e ator, seus maiores êxitos, além das peças do repertório nacional, foram: "Jardim de Cerejas", de Tchekov; "A Milionária", de Shaw; "Henrique IV", de Pirandello; "O dinheiro não é tudo", de Bus-Fekete. O seu maior êxito como ator foi o "Chopin", da peça de Iwaszkiewicz, "Verão em Nohant", ao lado da maior atriz polonesa, Maria Przydylko-Potoka. Outro grande êxito, "Tessa", de Giraudoux, em que Ziembinski interpretou o "Louis". A última peça que dirigiu e representou, antes da guerra, foi "Genebra", de Shaw, em estréia pan-européia. Os espetáculos já se realizavam sob as bombas inimigas. No dia 7 de setembro de 1939, deixou a Polônia, internando-se na Rumânia, onde organizou o Teatro Polonês para o Exército de sua pátria, que também se encontrava ali internado. Em 1940, nos primeiros meses, foi para Paris, onde também organizou espetáculos para os soldados poloneses, fundando o "Teatre au Armes", com artistas, declamadores e cantores poloneses, viajando durante um ano. (Em Paris, atuou no Teatro "Antoine", representando e dirigindo uma peça, em polonês).

B R A S I L

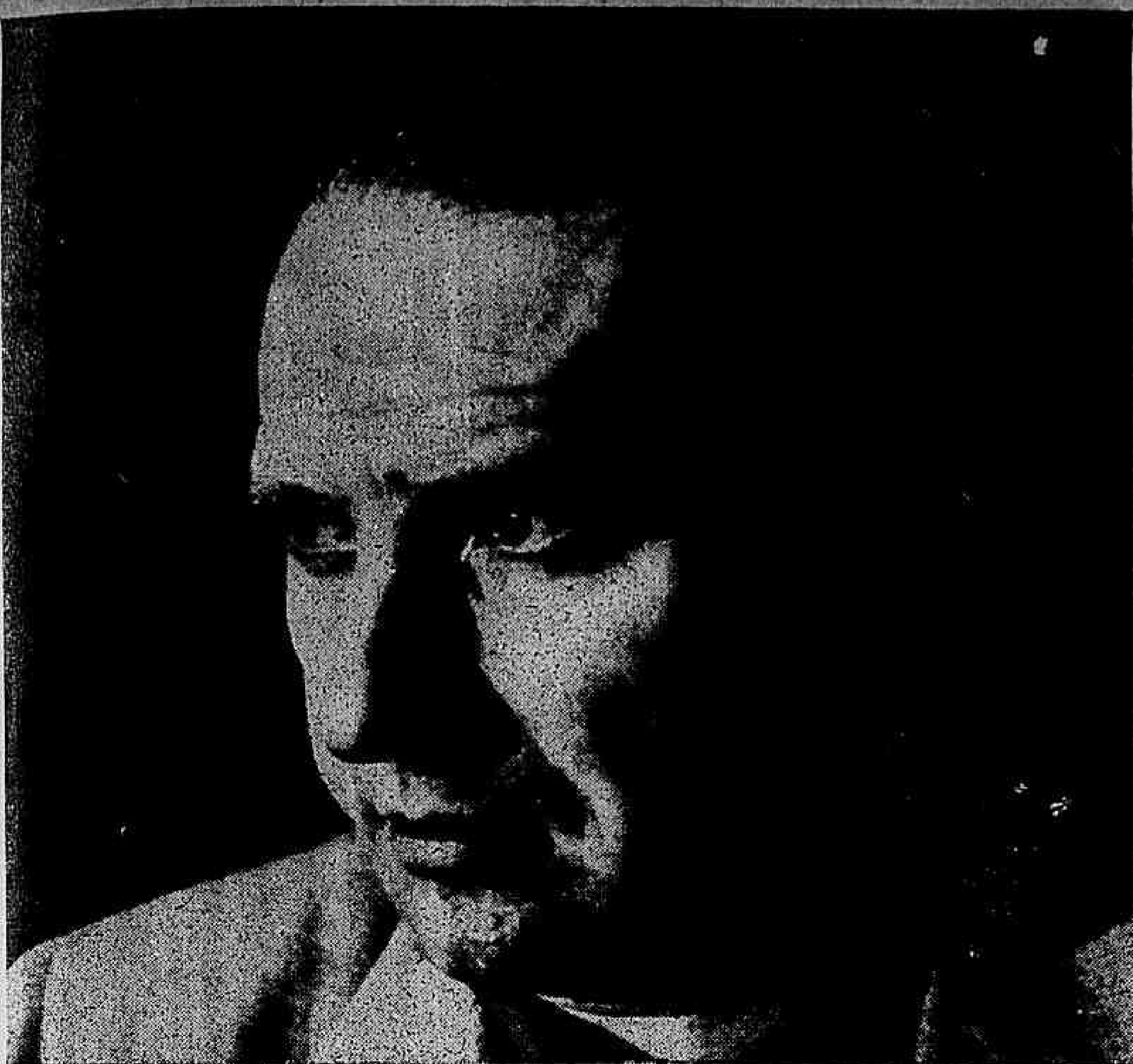
Ziembinski chegou ao Rio, no dia 17 de julho de 1941, às 5 horas da tarde. Desde o primeiro dia procurou contato com a gente de teatro do país. Assim, no mesmo ano, em 26 de novembro, já começou a dirigir "À beira da estrada", de Jean Jacques Bernard, para o Teatro Acadêmico, com Luis Tito, Zezé Pimentel e outros, estreando-a em 26 de dezembro no Teatro Ginástico. Logo em seguida em 1942, dirigiu o "Teatro dos Novos", apresentando duas peças, "As preciosas ridículas" (Molière) e "Orfeu" (Cocteau). Dêstes espetáculos surgiram Graça Melo, Mário Brasini, Maria e Luísa Barreto Leite e outros. Em 1943, Ziembinski integra-se no grupo dos Comediantes, estreando como ator e representando em português, em "Fim de Jornada", ao lado de Graça Melo, Carlos Melo, Nelson Vaz, Brútus Pedreira e outros. Netse ano monta "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues, "Pelleas e Mellissandre", de Macthorlink, onde atua também como ator. Em 1943 e 1944 dirigiu também os "shwos" do Cassino Atlântico. Em 1944, ainda com os "Comediantes", veio a São Paulo para apresentar as repetições de "Vestido de Noiva" e "Pelleas e Mellissandre". Em 1945, remontou "Vestido de Noiva", para os "Comediantes", no Fênix, no Rio. No mesmo teatro e para o mesmo conjunto, montou "Era uma vez um prêso", de Anouilh, onde fêz o papel de protagonista. 1946 trouxe os "V Comediantes" e o grande sucesso dêle como diretor e ator que foi "Desejo", com Olga Navarro, Sandro, Jardel Jércolis Filho, Orlando Gui e êle mesmo representando o papel principal do Rei de Portugal. Em seguida, veio para São Paulo, com os "Comediantes",



Ziembinski em «Convite ao Baile», de Jean Anouilh.



Ziembinski ao lado de Olga Navarro em «Desejo», de Eugene O'Neill.



ZIEMBINSKI
10 anos a serviço do teatro brasileiro.

para apresentar "Desejo" e "Vestido de Noiva", no Municipal; "Era uma vez um prêso", no Boa-Vista; e, "Rainha Morta", no Santana. Voltando ao Rio, ainda com os Comediantes, dirigido por Turkow, foi o "Cel. Silveira", de "Terras do sem fim". Dirigiu e representou "Não sou eu", com Cacilda Becker, Maria Della Costa e Margarida Rey. 1948. Inicialmente, participa do movimento CENA, de Luísa Barreto Leite, representando "Vestir os nus", de Pirandello. Em seguida dirigiu três extraordinários espetáculos: "Anjo Negro", para a companhia de Sandro; "Medéia" e "Uma Rua chamada pecado", para Morineau. Ainda êste ano, dirigiu e representou "A Lua de Sangue", de Bruckner, para Sandro; "Os homens", com Odilon; dirigiu uma revista, em colaboração com Chianca de Garcia, "Tou aí nesta bôca", no Teatro Carlos Gomes, e "A Revolta em Recife", de Alceu Marino Rêgo, no teatro João Caetano. No ano seguinte, em 1949, em São Paulo, dirigiu novamente "Anjo Negro", com Graça Melo, para a companhia de Sandro Poloni. Substituiu Sadi Cabral, em "Tobacco Road", no Teatro Municipal de S. Paulo. Em 1949, partiu para Recife, convidado por Waldemar de Oliveira, dirigindo várias peças com amadores da capital pernambucana. Apareceu como intérprete e diretor, em "Nossa Cidade". Dirigiu ainda "Esquina Perigosa", de Priestley; "Pais e Filhos", de Shaw; e para o "Teatro Universitário", "Além do Horizonte", de O'Neill; e, "Fim de jornada" de Sheriff. Em Recife, deu um curso de teatro, em doze lições, na tradicional Faculdade de Direito. Em janeiro de 1950, voltando ao Rio, organizou a sua companhia própria para atuar no "Teatro de Bôlso", com Nelly Rodrigues e Joseph Guerreiro. Montou "Assim falou Freud", peça polonesa de Cwojdzinski, e "Adolescência". Ainda nesta mesma ocasião, dirigiu "Amanhã se não chover", de Pongetti, para a Companhia Teatral de Fernando de Barros. Para a mesma companhia, dirigiu "Helena Fechou a Porta", de Accyoly Netto. E "Dorotéia", de Nelson Rodrigues no Teatro Fênix. Convidado pelo Teatro Brasileiro de Comédia, encenou e representou "O Cavaleiro da Lua", de Marcel Achard. No Teatro Cultura Artística, na mesma época

(Cont. na pág. 22)



Ziembinski dirigindo Tito Fleury, Cacilda Baker e Margarida Rey, há anos atrás.



OSWALDO DA CUNHA

ROBERTO FUCHS

NÃO é só da França, Alemanha, Itália, etc., que temos conhecimento do aparecimento de crianças prodígios. Também nós, aqui no Brasil, podemos nos orgulhar de crianças que, pelo invulgar talento apresentado, têem merecido a nossa admiração. Como exemplo do que afirmamos, podemos citar o caso de Roberto Fuchs, o Robertinho que tanto assombro nos causa. Êste genial garôto, apenas com seus dez anos de idade, penetra completamente os intrincados segredos que o piano oferece, conhecendo com invulgar autoridade, todos os mistérios que possa apresentar um teclado. Regressando há pouco da Europa, onde, em França, impressionou vivamente a quantos tiveram a oportunidade de ouví-lo, Robertinho, apresentou-se quinta-feira próxima, passada 1.º do corrente, num escolhido recital na A.B.I.. O pequenino artista, sem se intimidar com a complexidade de algumas das obras a executar, incluiu em seu programa, peças de Mozart, Chopin, Debussy, Grieg, Vila-Lobos e vários outros, tratando a todos com a devida seriedade, compreendendo-os e valorizando suas interpretações, com os encantadores recursos, de sua requintada sensibilidade artística. Robertinho, apesar de sua pouca idade, é um pianista com a seriedade dos grandes concertistas, como se o piano fôsse, já, para êle, um companheiro de longos anos. Não se impressionando com algum problema que possa surgir inesperadamente, êle conduz-se com acêrto, tudo fazendo sem deixar transparecer o esfôrço despendido algumas vêzes para vencer trechos de real dificuldade. Sua "Sonata" de Mozart, suas "Valsas", de Chopin, e seu "Solfejeto", de Bach, (apresentado em extra), foram executados com a maestria de um grande virtuose.

Enfim, Robertinho mais uma vez, arrancou da numerosa assistência que ali foi para ouví-lo, entusiásticos e prolongados aplausos. Parabens pois, a Robertinho, e, também a seus pais, que tão bem têm sabido encaminhá-lo, fazendo com que tão cedo, já se faça projetar, no Brasil e no exterior, não mais como uma bela promessa, mas sim, como uma maravilhosa realidade.

NOTICIÁRIO

★ CURSO INTERNACIONAL DE FÉRIAS — Encontram-se abertas, na Pró Arte, à rua México 74, sala 601, as inscrições para o terceiro curso internacional de férias, a realizar-se de 7 de janeiro a 16 de fevereiro, sob o patrocínio da Prefeitura local. Entre as pessoas convidadas a participar do corpo docente, figuram Ernst Krenek, de Los Angeles (composição) e Karl Ulrich Schnabel, de Nova York (piano), para cujos cursos extraordinários as inscrições devem ser efetuadas até 30 de novembro. Pertencerão ao corpo docente, entre outros, Tomás Terán (piano), Jacques Ripoche (violoncelo), A. Zlatopolsky (violino), Rety Gazda e Hugo Palzo, de Montevidéu (música de câmera), Geni Marcondes (iniciação musical), Elizabeth Filha (dansa clássica e moderna), Tiziana Bonazzola (desenho e pintura), Grete Stern, de Buenos Aires (fotografia). ★ ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA — No dia 9, às 17,30 horas, no Salão Leo-

(Cont. na pág. 22)



Eleazar de Carvalho regeu a 31 de outubro, pela terceira vez, a Orquestra Sinfônica Nacional, no Palácio das Belas Artes, com a presença do ex-rei Leopoldo, o embaixador e o cônsul do Brasil e outras altas autoridades. Os jornais elogiam a colaboração do maestro brasileiro, da violinista Erica Morini, e a magistral interpretação do maestro na peça «Sinfonia Fantástica», de Berlioz.

Pausa para meditação



JOYCE HOLDEN (U-International)

DA BÍBLIA PARA A TELA

(Cont. da pág. 9)

Êsses tiveram porém que ser em número restrito e as fotografias foram divididas porporcionalmente a fim de garantir a equidade para todos. Durante todo tempo uma grande vigilância foi exercida a fim de se ter a certeza de que pessoas presentes não pudessem ver mais de Susan Hayward do que Peck e os fotografos podiam ver e que o público iria ver mais tarde quando o filme estivesse pronto.

A ópera também tem glorificado os grandes amantes da história. "Peleas e Melisandre" é uma grande e uma das favoritas óperas. Tristão e Isolda, La Boheme, com sua Mimi e Rodolfo "Madame Butterfly" com seu oficial americano e, outras. Não podemos deixar de mencionar "A Traviata", contentando os apaixonados da ópera nas edições de Verdi e, os entusiastas do teatro, com Alexandre Dumas.

Em filme, Greta Garbo e Robert Taylor perpetuaram Camila e Armando. O mesmo aconteceu com Garbo em seu papel de Josefina ao lado de Charles Boyer como Napoleão, em "Conquista".

Como se poderá apagar de nossa lembrança a bela recordação de Heathcliff e sua Kathy da história de Miss Bronte "O Morro dos Ventos Uivantes" levado ao cinema com tanto sucesso? E a personalidade de Elisabeth Barrett e Robert Browning em "A Família Barrett, tanto no palco como no cinema?

Pocohantas, John Smith e Priscilla e John Alden têm sido negligenciado por dramaturgos, pelo menos nestes últimos anos, poucos outros porém. Sansão e Dalila fêz sucesso êste ano e estão falando agora em levar à tela a história de Ruth e Boaz, o ano vindouro, com Susan Hayward, no momento a Betsabá do David Gregory Peck, no papel de Ruth. Mas, episódios bíblicos no cinema decoraram o particularmente fervido romance de David e Betsabá, até agora, porque assim julga Philip Dunne, que escreveu a peça para o cinema, na atual produção tecnicolor de Darryl F. Zanuck, um final adequado não havia sido encontrado para o filme. Foi sòmente quando Dunne teve a idéia de concluir a história com a aplicação do XXII Psalmo, atribuído ao pròprio David, num outro ponto da bíblia, que êle compreendeu que tinha em suas mãos um final que satisfatòriamente explicaria a redenção de David e Betsabá, consumidos pelo pecado cometido. Enquanto David e Betsabá trazem essas cenas para a maior parte possível do público pela primeira vêz, apareceram, anteriormente no palco tentativas para contar essa história, como foi feita em New York, ùltimamente por Mr. e Mrs. James Mason (Pamela Kelino), numa peça de Jacques Deval intitulada simplesmente "Betsabá". Os restritos límites do palco embaraçaram o completo desempenho da espetacular história que depende da pompa das batalhas para dar eénfase à reprodução da história. A amplitude de campo desejada foi finalmente conseguida pela versão do cinema.

SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

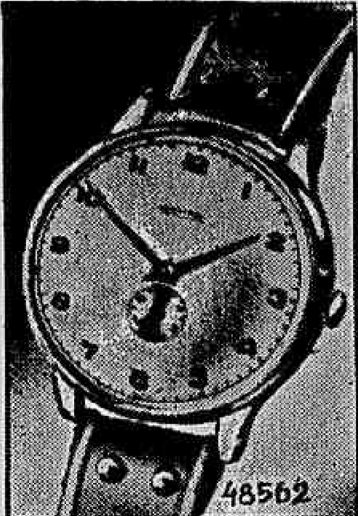
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL









48.562 - Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda **168,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça com 15 Rubis. Oportunidade única! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis ponteiro central Oferta de propaganda Cr$ **158,00**

50.562 Bonita caixa cromada fundo de aço inox boa maquina suiça com 15 Rubis, elegante mostrador claro numeração dourada Oferta especial Cr$ **255,00**

82.362 - Bonito relogio caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda Certificado de Garantia Cr$ **378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida Vidro lente Belo adôrno por preço todo especial Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão com 17 Rubis, ANTI-MAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia Um belíssimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36.452 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos Oferta de propaganda. Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável Oferta especial Cr$ **195,00**

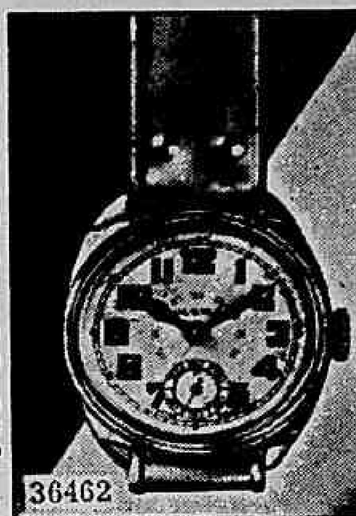
36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos, com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ **138,00**

55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos Certificado de Garantia Preço vantajosíssimo Cr$ **398,00**

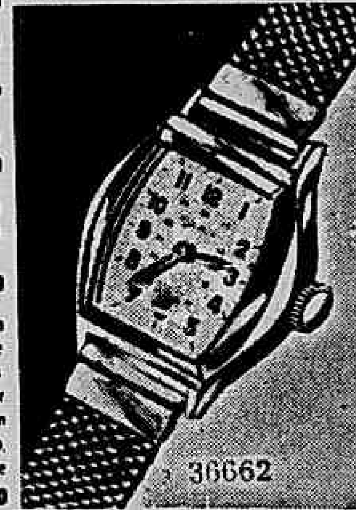
83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa maquina suiça, c/ 15 Rubis Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente Dispõe de pulseira inteiramente folheada Bela apresentação Certificado de Garantia Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça sistema Roskopf, mostradores variados Cordonet de seda. Cr$ **238,00**

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro Certificado de Garantia Oferta vantajosíssima Cr$ **438,00**

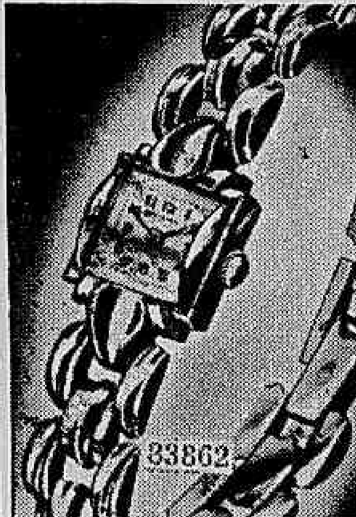




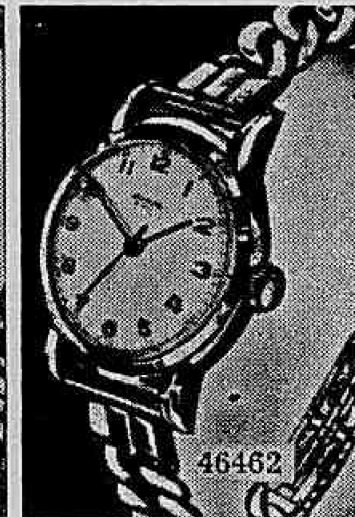


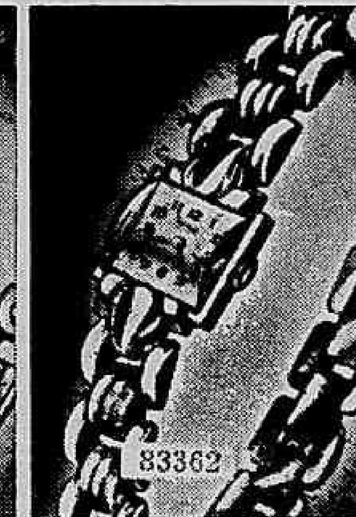


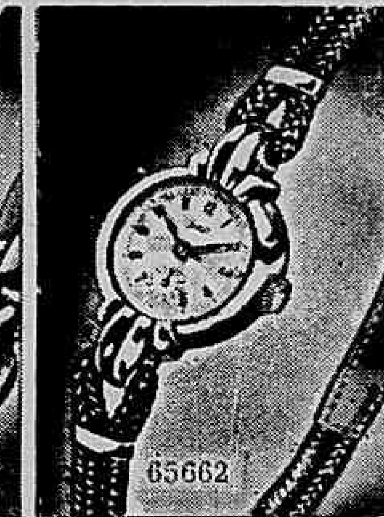






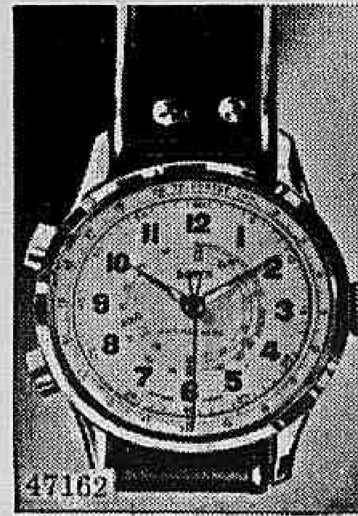


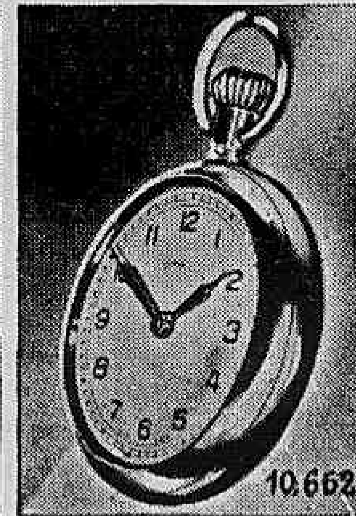












51.662 - Apresentação belíssima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade Certificado de Garantia Uma bela jóia por preço especial Cr$ **438,00**

57.761 Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante" folheada a ouro, fundo de aço inoxidável máquina finissima de Ancora, de precisão, com 15 Rubis AUTOMATICO (dá corda a si mesmo) ANTIMAGNÉTICO INCABLOCK mostrador claro numeração dourada em alto relevo, ponteiro central Moderna pulseira estensivel, tipo Royal folheada a ouro, de qualidade superior Certificado de Garantia Cr$ **890,00**

47.162 Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada reforçada com maquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA Preço de propaganda Cr$ **218,00**

10.662 - Relógio de bolso inteiramente cromado, boa máquina suiça sistema Roskopf, oferta especial **98,00**

51.262 - Calendário! Indica hora e dia Caixa folheada a ouro, de fina espessura fundo de aço inox superior máquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal fundo de aço inoxidavel Certificado de Garantia Cr$ **628,00**

51.462 - Elegante modêlo caixa folheada a ouro fina maquina suiça com 15 Rubis ANTIMAGNÉTICO mostrador claro com numeração dourada ponteiro de segundos bonita pulseira folheada Fornecido com Certificado de Garantia Cr$ **375,00**

12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada bôa maquina suiça sistema Roskopf, c/ 7 Rubis numeração luminosa, toque agradavel Dispositivo para colocar na mesa De grande utilidade Preço vantajoso Cr$ **250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM RS

NOME ______

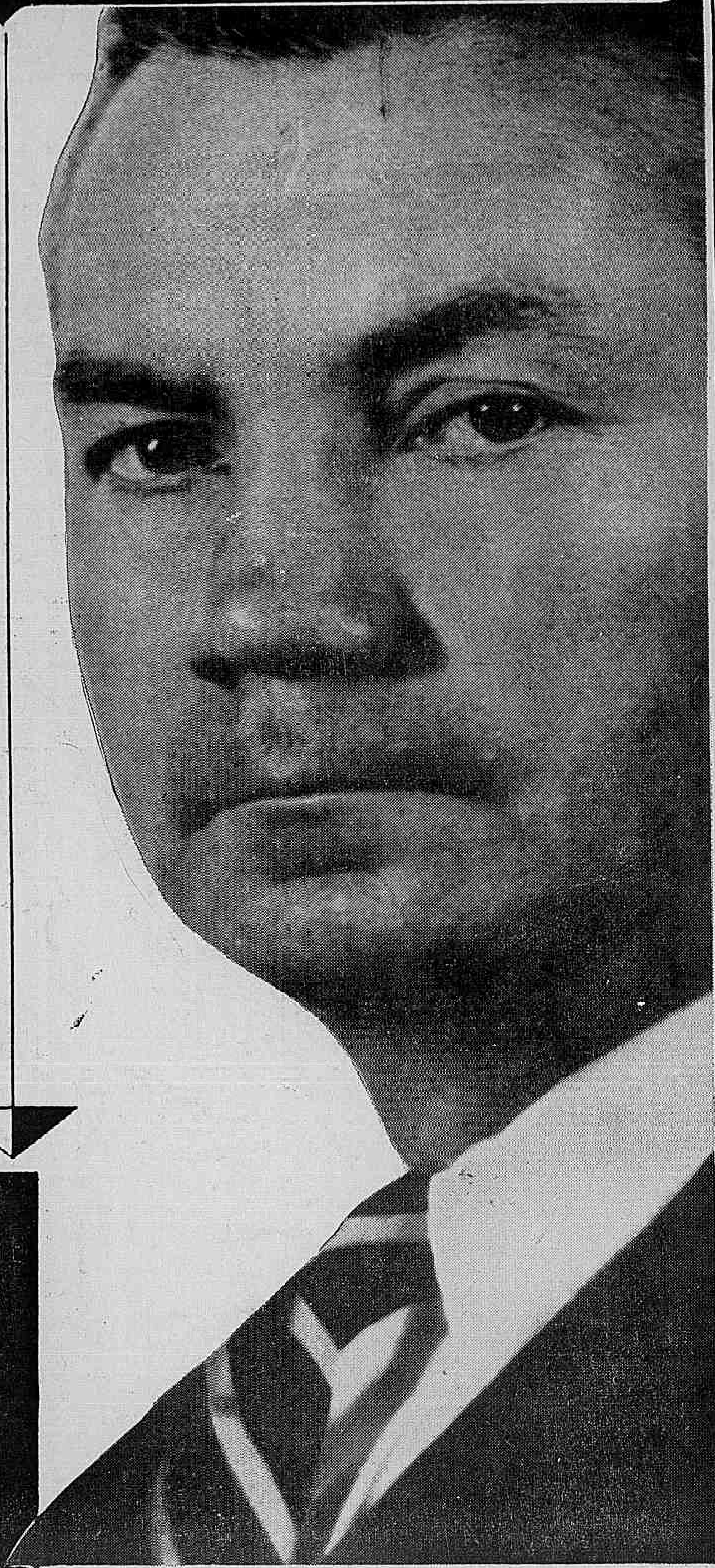
RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______

ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS - JOIAS - ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

SENSACIONAL!



NA

REVISTA DA SEMANA

Á

VENDA

O DIARIO DE FORRESTAL

DIREITOS EXCLUSIVOS ADQUIRIDOS PARA O BRASIL PELA COMPANHIA EDITORA AMERICANA